

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JÚLIA AMARAL JACOBINI

***LAS MUJERES NO SOMOS COBARDES: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA
REVOLUÇÃO HAITIANA EM “LA ISLA BAJO EL MAR” DE ISABEL ALLENDE***

Porto Alegre
2018

JÚLIA AMARAL JACOBINI

***LAS MUJERES NO SOMOS COBARDES: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA
REVOLUÇÃO HAITIANA EM LA ISLA BAJO EL MAR***

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre
2018

Ao povo haitiano.

“No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues.”

Michelle Perrot, *Teatros da Memória*

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a investigar a representação do papel exercido pelas mulheres no desenrolar da Revolução Haitiana (1791-1804) no romance *La Isla Bajo el Mar*, da célebre escritora chilena Isabel Allende. O episódio é conhecido por ser o primeiro processo de independência de uma colônia latino-americana, inaugurando assim o chamado Ciclo das Independências no continente. Entende-se que a experiência haitiana foi inovadora, uma vez que estendeu os ideais revolucionários franceses de igualdade, liberdade e fraternidade mais do que a própria Revolução Francesa foi capaz de fazer. Contudo, até que ponto esse discurso se traduziu em prática também para a parcela feminina envolvida no episódio? É a partir desse questionamento que se pretende analisar o romance acima citado. O livro, de 2009, conta a história de Zarité Sedella, uma escravizada haitiana contemporânea aos acontecimentos da revolução de independência. Embora não se envolva diretamente no levante, Zarité e as demais personagens do livro narram com riqueza de detalhes os acontecimentos da época. Assim sendo, pretende-se analisar como as mulheres haitianas da época da revolução foram representadas na obra em questão.

Palavras-chave: Revolução Haitiana; História das Mulheres; História e Literatura; Romance Latino-Americano.

ABSTRACT

The present research proposes to investigate the representation of the role played by women in the development of the Haitian Revolution (1791-1804) in the novel *La Isla Bajo el Mar*, by the celebrated Chilean writer Isabel Allende. The episode is known to be the first process of independence of a Latin American colony, thus inaugurating the so-called Independence Cycle on the continent. It is understood that the Haitian experience was innovative, since it extended the French revolutionary ideals of equality, freedom and fraternity more than the French Revolution itself was able to do. However, to what extent has this discourse translated into practice also for the female portion involved in the episode? It is from this questioning that one intends to analyze the novel mentioned above. The book, from 2009, tells the story of Zarite Sedella, a Haitian slave woman contemporary with the events of the independence revolution. Although not involved directly in the uprising, Zarite and the other characters in the book narrated in rich detail the events of the time. Thus, it is intended to analyze how the Haitian women of the time of the revolution were represented in the work in question.

Keywords: Haitian Revolution; History of Women; History and Literature; Latin American Romance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: <i>¡LIBERTAD! ¡QUÉ SOBERBIA!</i>.....	13
1.1 O CICLO DE INDEPENDÊNCIAS LATINO-AMERICANO	13
1.2 AS PARTICULARIDADES DO CASO HAITIANO	15
1.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM	20
CAPÍTULO 2: <i>LAS MUJERES NO SOMOS COBARDES</i>.....	22
2.1 QUESTÕES DE GÊNERO E FEMINISMO	22
2.2 FEMINISMO NEGRO E A QUESTÃO RACIAL.....	24
2.3 AS MULHERES NO CICLO INDEPENDENTISTA LATINO-AMERICANO..	28
CAPÍTULO 3: <i>LAS MUJERES AMAMOS MÁS PROFUNDO Y LARGO</i>.....	30
3.1 HISTÓRIA E LITERATURA	30
3.2 ISABEL ALLENDE E O REALISMO MARAVILHOSO	33
3.3 <i>LA ISLA BAJO EL MAR</i>	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a investigar a representação do papel exercido pelas mulheres no desenrolar da Revolução Haitiana (1791-1804) a partir do romance *La Isla Bajo el Mar*¹, obra da célebre escritora chilena Isabel Allende. O episódio revolucionário é conhecido por ser o primeiro processo de independência de uma colônia latino-americana, inaugurando assim o chamado Ciclo das Independências. Alega-se que a experiência haitiana foi inovadora, uma vez que estendeu os ideais revolucionários franceses de igualdade, liberdade e fraternidade mais do que a própria Revolução Francesa foi capaz de fazer. Contudo, até que ponto esse discurso se traduziu em prática também para a parcela feminina envolvida no episódio? É a partir desse questionamento que se pretende analisar o romance escolhido.

É reconhecido que, por muito tempo, foi negado às mulheres o título de agentes históricos. Às representantes do gênero feminino eram reservados os cenários privados e domésticos, sem serem consideradas nas reconstruções históricas de eventos políticos, econômicos, culturais e etc. O mesmo ocorre no caso da independência haitiana, considerada por muitos autores como uma revolução social “completa”².

Este projeto de pesquisa se iniciou com o intuito de recuperar uma parte propositalmente esquecida da história. Como mulher, sempre senti que deveria dar voz e também ouvidos àquelas que dividem um histórico de opressão comigo. Desde o início do curso, as questões de gênero e o feminismo se apresentaram como um campo de acolhimento dentro da academia, um ambiente que pode ser fortemente machista. Durante todas as cadeiras, a abordagem de história das mulheres sempre se destacava, trazendo questionamentos e dúvidas. Quando, em uma aula de história da América, nos foram apresentadas as revoluções de independência do continente, houve uma reação espontânea: as mulheres presentes na sala não se viram representadas naquela narrativa de grandes líderes e heróis, adjetivos sempre masculinos.

Seguimos trabalhando o conteúdo e o professor disponibilizou bibliografia sobre a questão de gênero. Algum tempo mais tarde, trabalhamos a Revolução Haitiana separadamente e, desta vez, nos foi dito como não havia trabalhos historiográficos sobre as mulheres no episódio. No mesmo momento pensei que uma guerra de independência tão única e simbólica

¹ ALLENDE, Isabel. **La Isla Bajo el Mar**. Debolsillo: Barcelona, 2009. Os livros de Allende possuem inúmeras traduções por se tratarem de uma autora de grande sucesso. *La Isla Bajo el Mar*, contudo, é uma exceção. Por isso e para manter a fidelidade à criação original da autora, decidi trabalhar com a obra em espanhol.

² MARTÍNEZ PERIA, Juan Francisco. *La Revolución haitiana e su ideário político: la universalización de la libertad y la igualdad*. In: SÁNCHEZ CUERVO, Antolin; VELASCO GÓMEZ, Ambrosio (orgs.). **Filosofia política de las independências**. Madri, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012.

não deveria se limitar à visão masculina. Contudo, não se trata de uma abordagem sectária de história das mulheres³, mas de um exercício de reflexão histórica sobre o papel de certos agentes e sujeitos que, por séculos, foram ignorados na escrita historiográfica. Para isso, inicialmente, foram buscadas fontes documentais contemporâneas aos eventos que pudessem ser trabalhadas.

Aqui, surgiram inúmeras dificuldades com relação às fontes. Primeiramente, ao falar de um levante de escravizados, em que a maioria dos atores do processo é analfabeto ou não possui condições materiais de manter registros escritos, os documentos são bastante escassos. Os negros rebeldes não eram representados nos registros da época, uma vez que não eram vistos nem mesmo como seres humanos capazes de alguma ação histórica pensada. Por se tratar de uma ex-colônia francesa, a maioria dos documentos relativos ao Haiti se encontra em arquivos europeus, impossibilitando seu acesso. Convém, mais uma vez, enfatizar o silenciamento da figura feminina diante da história: pouquíssimos desses documentos⁴ trazem alguma representatividade da figura feminina. Dentre atas, certidões e atestados, as mulheres foram constantemente apagadas ou relegadas ao segundo plano. A mulher, geralmente, é ligada ao âmbito privado da história⁵, enquanto o homem se apodera daquele local de ação considerado de fato válido: o público. Por isso, dificilmente mulheres serão contempladas em documentos oficiais ou em algum tipo de fonte que se considere relevante historicamente. Algumas vezes o silenciamento e o apagamento históricos podem fazer-se intransponíveis.

Levando isso em consideração, passou-se a buscar obras literárias e/ou historiográficas que talvez pudessem dar conta de mostrar esse outro ângulo da Revolução Haitiana. Mais uma vez, a dificuldade de acesso a fontes e livros foi significativa. Afinal, estamos falando de um país que “ousou consolidar uma república negra em pleno início do século XIX em terras americanas”⁶. Assim sendo, a surpresa foi grande ao encontrar a obra de Isabel Allende, não apenas escrita por uma mulher, mas narrando todos os episódios do ponto de vista feminino.

O livro, de 2009, conta a história de Zarité Sedella, uma escravizada haitiana contemporânea aos acontecimentos da revolução de independência. Embora não se envolva

³ SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. In: **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press, 1989.

⁴ Embora não se tenha tido acesso aos documentos, foi feito um breve levantamento dos arquivos onde esses poderiam se encontrar e, a partir dos inventários/listas existentes nos sites institucionais destes locais, foi possível observar uma significativa maioria de documentos burocráticos da era colonial concernentes a homens proprietários de escravos. Informações disponíveis em: <http://www.red-redial.net/pt/centro-1.html>. Para mais reflexões sobre a ausência feminina nos arquivos e espaços históricos, ver PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9 n. 18, agosto/setembro 1989, p. 9-18.

⁵ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, agosto/setembro 1989.

⁶ MAFFEI, Henrique Safady. **Ninguém sabe onde fica o Haiti**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, p. 20.

diretamente no levante, Zarité e as demais personagens do livro narram com riqueza de detalhes os acontecimentos da época. Assim sendo, pretende-se analisar como as mulheres haitianas da época da revolução foram representadas na obra em questão. Desse modo, o principal problema de pesquisa a ser respondido na elaboração da pesquisa seria de que maneira as mulheres foram representadas (ou não) como agentes da Revolução Haitiana no romance de Allende. E ainda, além do romance, existe reconhecimento historiográfico da relevância dessas mulheres?

Estudar as representações culturais da história é sempre um trabalho complexo e um tanto arriscado, por isso, para a metodologia do trabalho, será considerada a abordagem de história e literatura trazida por Antonio Celso Ferreira⁷. Segundo o autor, a disciplina histórica ainda não dispõe de um método específico para tratar das fontes literárias, mas que essas devem ser escolhidas após consideração e bom senso. Além disso, é imprescindível a análise da recepção da fonte por parte da crítica literária, bem como da bibliografia sobre a história do período enfocado.

Além das estruturas internas do texto, o historiador deve buscar compreender os contextos em que ele foi escrito. Para essas análises, são muito úteis a Teoria Literária, a História Cultural e a História da Literatura e da Arte. O fundamental é manter em mente a relação entre o texto criado e o contexto do mundo que o circunda. Dentro disso, o romance estudado no trabalho se encaixa na categoria de Novo Romance Hispano-americano, ou Real Maravilhoso, corrente literária criada por Alejo Carpentier em 1949, com a Publicação do romance *El reino de este mundo*⁸.

Carpentier, após viajar ao Haiti e conhecer a história de sua revolução, e estando ele mesmo num contexto pré-revolucionário, transforma a literatura latina com a publicação de *El reino de este mundo*. O autor não apenas reconta a história da revolução de independência que resultou na primeira (e única) República Negra das Américas, mas resgata inúmeros valores e tradições das populações africanas trazidas forçadamente para cá. É um dos primeiros autores a narrar a visão desse grupo social minoritário e completamente desprovido de direitos ou de voz. Através de personagens ficcionais, os afro americanos tiveram seus costumes e crenças reconhecidos.

Os primeiros romances antiescravistas da América Latina, escritas ainda no século XIX, retratam as populações negras como portadoras de muita força física, mas com inteligência

⁷ FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

⁸ CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. Madri: Alianza Editorial, 2006 (terceira reimpressão).

limitada⁹. Não havia a preocupação de mostrar rebeldia ou resistência por parte dos escravizados, mas sim que esses se resignavam ao destino de cativos e não ansiavam por liberdade. A representação estereotipada do negro passivo e submisso se fez bastante presente. Além de obedecer aos elementos brancos e ocidentais, esses povos ainda almejavam copiar sua estética e sua cultura, aceitando a condição de inferior que lhes era atribuída. Além disso, o negro era colocado como um elemento exótico, decorativo e formador da paisagem “típica” latino-americana.

Como já foi comentado, ao inaugurar o Real Maravilhoso, Alejo Carpentier revolucionou esse cenário. Primeiramente o autor buscava conferir veracidade à narrativa ficcional através de pesquisa histórica. Isso acabou deslocando a formação da identidade e da historiografia hispano-americana para o campo das novelas históricas. Ao preencher as lacunas da memória e da historiografia tradicional com a ajuda de relatos orais místicos, acabou resgatando uma parte perdida da história das populações dominadas e transformando-se em fontes riquíssimas dos seus respectivos contextos históricos.

A atmosfera do Real Maravilhoso é criada a partir de feitos verdadeiros com a adição de situações excepcionais. O objetivo é tornar a ficção tão semelhante à realidade, utilizando documentos, datas e fatos, que seja quase impossível distinguir o que de fato aconteceu ou não. Em um determinado momento, todos os acontecimentos, até mesmo os mais extraordinários, parecem ser possíveis ou aceitáveis. A definição dessa corrente literária é a de uma literatura capaz de compreender e abarcar a realidade própria do contexto americano, rejeitando abordagens de origem europeia e de tom universalizante.

Em relação a isso, Silva¹⁰ classifica as novelas latino-americanas como o espaço que as vozes silenciadas teriam para falar e serem ouvidas. Diferentemente, por exemplo, da historiografia, majoritariamente escrita pelos “vencedores” e pelos agentes que detêm o poder, esses romances procuram preencher lacunas e silenciamentos históricos, tanto através de pesquisa quanto através de ficção.

Assim sendo, é facilmente observável o peso de uma teoria cultural que busca valorizar as especificidades do contexto americano, como foi o realismo maravilhoso. Alejo Carpentier e seus outros adeptos intelectuais buscaram não apenas resgatar costumes e tradições dos povos que compõem a América Latina, mas também valorizar a simbiose cultural que apenas existe

⁹ GONÇALVES, Ana Beatriz R. Estudos afro-hispano-americanos: uma problemática. In: **V Congresso Brasileiro de Hispanistas**, 2008, UFMG (Belo Horizonte) Anais. P. 179-185.

¹⁰ SILVA, Lilian Ramos da. El negro toma la palabra y (re)cuenta la historia: la conformación de la identidad negra en novelas históricas hispano-americanas. *Hispanista*, vol. XV, n° 56, jan/fev/mar de 2014.

aqui sem, contudo, cair na armadilha relativista e eurocêntrica de homogeneizar todo o continente. Desse modo, o valor da obra literária abordada neste trabalho se traduz tanto na questão feminista quanto na valorização de uma identidade cultural latino-americana.

La visión de aquellos que tienen el poder de contar la historia de la manera que más le conviene, y que es creída por aquellos que la oye, es la que se propaga por los tiempos. Si, luego de la llegada de los europeos se pensó en una América inventada por aquellos que tenían el poder y, en las independencias se mantuvo el pensamiento dominante, la literatura termina por volverse un espacio importante para que las voces silenciadas puedan hablar, desde su punto de enunciación, de qué manera percibieron los acontecimientos históricos.¹¹

Considerando todas as questões colocadas, esse trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será apresentado e discutido o cenário mais geral do ciclo independentista latino-americano e da própria Revolução Haitiana. Será discutido brevemente o contexto de independência das colônias espanholas em comparação com o quadro do Haiti, que era uma colônia francesa. Também serão abordadas as influências que a Revolução francesa teve no processo e quais foram as consequências da guerra.

No segundo capítulo, será abordada uma discussão mais teórica de gênero e história, levando em consideração tópicos como história das mulheres, feminismo negro e as intersecções entre gênero, raça e classe. Haverá um breve histórico de questões epistemológicas e militantes do feminismo, além da oposição entre estudos de gênero e estudos feministas. Depois disso, as críticas do feminismo negro ao feminismo tradicional, branco e burguês e a abordagem dos tópicos raciais trazidas por autores caribenhos e francófonos. Ao fim do capítulo, uma breve hipótese de análise do papel feminino nas revoluções latino-americanas.

Por fim, a análise do livro, trazendo os aspectos através dos quais podemos abordar as relações entre e história e literatura. Após um breve panorama do Realismo Maravilhoso e a apresentação de Isabel Allende, o romance em questão será abordado, trazendo os pontos que mais destacaram a contribuição das mulheres haitianas.

Creio que, além da contribuição às pesquisas sobre a independência do Haiti, tema ainda pouco explorado se comparado à sua importância e inovação, a pesquisa tem grande importância pessoal para uma pesquisadora que sempre teve interesse em história de gênero. O lugar que ocupamos na sociedade sempre influenciará a maneira como vemos o mundo,¹² mas não é necessário ficar relegada a esse lugar. Neste caso, as transgressões do lugar reservado à

¹¹ SILVA, 2014, p. 1.

¹² HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, nº 5, 1995, p. 07-41.

mulher são inúmeras e muito positivas: uma mulher pesquisando sobre uma mulher que escreve sobre outras mulheres. Que esta pesquisa possa contribuir não apenas na produção científica e historiográfica, mas na construção de uma sociedade minimamente mais igualitária.

CAPÍTULO 1:

*¡LIBERTAD! ¡QUÉ SOBERBIA!*¹³

1.1 O CICLO DE INDEPENDÊNCIAS LATINO-AMERICANO

A grande ilha caribenha que atualmente se divide entre Haiti e República Dominicana, inicialmente batizado de Hispaniola, foi conquistada pela Coroa Espanhola no século XV e passou a constituir o sistema de exploração colonial mercantil. Com a descoberta do ouro e da prata no México e nos Andes em meados do século XVI, e a ascensão de Cuba como posto central de administração no Caribe, os espanhóis desativaram parcialmente a colonização da ilha, abandonando a região oeste e deixando um vazio que foi aproveitado pelos franceses a partir da primeira metade do século XVII¹⁴.

A atividade econômica enfatizada pelos espanhóis, isto é, a exploração de minérios como ouro e prata, dizimou rapidamente a população nativa local. Desse modo, quando os franceses lá se estabeleceram, se voltaram para a mão-de-obra de populações escravizadas trazidas à força do continente africano. A alta taxa de mortalidade do sistema escravista instalado no que agora se denominava Saint Domingue (São Domingos) fazia com que a grande maioria dos escravizados fosse nascida na África¹⁵. Essa unidade de origem gerou uma grande carga de identificação simbólica, o que pode ajudar a explicar a diferenciação entre a guerra de independência empreendida pelos haitianos.

De acordo com Waldo Ansaldi e Verônica Giordano¹⁶, o ciclo das independências na América Latina foi um conjunto de revoluções políticas e anticoloniais em seus resultados e um conjunto de guerras civis por seu conteúdo. Contudo, apenas três casos (Haiti, México e a Revolução de Artigas na Banda Oriental) poderiam ser caracterizados como guerras de classes, ou revoluções sociais. Segundo Guerra Villaboy¹⁷, o período se caracterizou pela ascensão dos ideais antifeudais da burguesia europeia, uma vez que a estrutura rígida e estamental do Antigo Regime e do sistema colonial permitia uma forma limitada de desenvolvimento do elemento

¹³ ALLENDE, Isabel, 2009, p. 50.

¹⁴ No que se refere à questões do contexto histórico haitiano e caribenho, este capítulo é majoritariamente tributário da obra de Marcelo Grondin “Haiti: cultura, poder e desenvolvimento”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

¹⁵ SOARES, Ana Loryn; SILVA, Elton Batista da. A Revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804). Ameríndia, ano 1/vol. 1, 2006.

¹⁶ ANSALDI, Waldo, GIORDANO, Verónica. La disolución del orden colonial y la construcción del primer orden independiente. In: **América. La constucción del orden. De la colônia a la disolución de la dominación oligárquica**. Buenos Aires, Ariel, 2012.

¹⁷ GUERRA VILLABOY, Sergio. Inicios del ciclo revolucionario latinoamericano. In: **El dilema de la independencia**. La Habana, Editorial Félix Varela, 2003.

capitalista burguês. Assim sendo, as guerras de independência no continente foram marcadas por rupturas com o sistema colonial, mas mantiveram os vínculos com o modo de produção mercantilista e com a dominação da burguesia europeia. Nesse contexto, a Revolução Americana de 1776 serviu de grande exemplo, harmonizando a emancipação política e a manutenção do sistema escravista e do *status quo* social.

Mais diretamente, podemos analisar as relações da Espanha com suas colônias. No século XVIII, a Dinastia Bourbon assumiu o trono espanhol, trazendo uma grande mudança administrativa. Como principal representante, desta que foi uma tentativa de racionalização do governo, temos as chamadas Reformas Bourbônicas, que visavam aumentar o controle sobre os territórios hispano-americanos. Paradoxalmente, as reformas criaram um quadro de maior liberdade para os habitantes da América, dando início a uma série de desejos e anseios nas populações nativas que acabaram por não serem atendidos.

Já aí se pode observar a criação de uma consciência *criolla* de coesão e autonomia: esses sujeitos desejavam maior liberdade comercial e começaram a perceber o papel central que exerciam dentro do sistema colonial. Da mesma forma, as Invasões Napoleônicas serão essenciais na construção do processo independentista. Uma vez que Napoleão aprisionou o rei espanhol, toda a autoridade monárquica ibérica entrou em xeque. Criaram-se as Juntas de resistência local na Península, mas, quando esses caíram, os hispano-americanos já não viam legitimidade no poder que assumiu.

Enquanto os *criollos* chamavam *cabildos abiertos* (isto é, espécie de assembleias populares) e reclamavam igualdade aos peninsulares, o movimento realista negava a possibilidade de autonomia *criolla*. Dessa forma, surgiram juntas insurgentes na América, que foram fortemente combatidas pelo movimento monárquico, dando início às Guerras de Independência. Assim sendo, podemos observar que, além dos fatores internos, como a desigualdade de uma sociedade estamental; as questões concernentes à escravidão, servidão e tributos; o “aburguesamento” da elite americana e etc, os fatores externos foram, também, determinantes para inflamar o desejo de independência por parte das colônias hispano-americanas¹⁸.

¹⁸ GUERRA VILLABOY, 2003.

1.2 AS PARTICULARIDADES DO CASO HAITIANO

O Haiti foi, claramente, uma exceção dentro da conjuntura latino-americana. Enquanto os demais processos independentistas hispano-americanos, num geral, são caracterizados como revoluções políticas e anticoloniais, o Haiti teve uma revolução social completa. Em síntese, o ciclo das independências se caracterizou por objetivar a modificação dos detentores do poder político, rechaçando a autoridade metropolitana. O poder mudaria de mãos, mas não seria igualmente distribuído ou completamente eliminado. As mudanças no quadro dessas insurgências não eram profundas a ponto de transformar o contexto da sociedade.

O Haiti, por outro lado, apresentou uma revolução liderada por massas populares que modificou definitivamente o quadro social da nação. Ao final do processo, a escravidão havia sido permanentemente abolida do território haitiano; havia sido fundada a primeira República Negra da história e os conceitos ocidentais de igualdade haviam sido expandidos a proporções inimagináveis para o *status quo* da época. A Revolução Haitiana não foi apenas política e anticolonial, mas social e democrática, gerando um quadro inédito entre as independências do continente americano.

No final da década de 1780, a ilha de *Saint Domingue* era a colônia mais próspera da França e de todo o Novo Mundo, graças a um sistema produtivo baseado no escravismo e na exportação de cultivos de grande demanda na Europa, principalmente o açúcar. Sua sociedade era estruturada em termos raciais e econômicos e se dividia em quatro grupos: *grand blancs*, *petit blancs*, *affranchis*¹⁹ e escravos.

Os *grand blancs* eram brancos proprietários de terra que sofriam com o monopólio mercantilista imposto pela metrópole e clamavam por autogoverno e livre comércio. Os *petit blancs* eram *criollos* que atuavam como soldados artesãos e comerciantes e, embora não contassem com grande capital econômico, tinham seu lugar social garantido pela cor de sua pele. Os *petit blancs* reivindicavam um discurso antioligárquico, mas também altamente racista que promovia a dominação dos estratos brancos da sociedade.

¹⁹ O termo *grand blanc* pode ser traduzido literalmente como “branco grande”, enquanto *petit blanc* significa “branco pequeno”. Embora o principal capital na sociedade colonial haitiana fosse a cor da pele, a posse de terras e o número de bens também eram levados em conta. Por isso, mesmo entre os brancos havia uma diferenciação de acordo com o grau de riqueza. Já *affranchi* significa “afrancesado”, numa referência aos senhores brancos que tinham filhos mestiços com suas escravas e estes, além do sangue francês, recorriam à cultura da França como um instrumento de ascensão social. Aquele mulato que falasse um bom francês e se vestisse à moda parisiense era considerado mais refinado e, por consequência, mais semelhante aos brancos, os verdadeiros detentores do poder. Além de terras e riqueza, os *affranchis* muitas vezes possuíam cargos administrativos, o que podia causar conflitos com os brancos, uma vez que estes não queriam a participação de negros e mulatos em assuntos referentes aos negócios e à burocracia.

Os *affranchis* eram negros e mulatos livres que possuíam terras. Embora dispusessem de grande capital econômico, eram discriminados por sua cor de pele, o que os levava a reivindicar um forte discurso antirracista e a favor da igualdade.

A existência de mulatos e negros proprietários de plantações é uma exceção chave para entender o processo de independência da ilha. O desaparecimento da população aborígine foi suprida pelo ingresso massivo de escravos africanos. O êxito da indústria açucareira e uma metrópole menos preocupada com as questões de “limpeza de sangue” tornou possível uma diferenciação social que cristalizou uma complexa estrutura de relações sociais.²⁰

Em último lugar estavam os escravos, a grande maioria da população que, ao longo de anos de violência e exploração, haviam desenvolvido uma forte contracultura de resistência, que envolvia revoltas, *cimarronajes*²¹ (fuga e formação de quilombos), envenenamento dos colonos e, principalmente, o vodú haitiano. Aqui, deve-se parar para analisar mais pausadamente a influência da religião na formação identitária do povo haitiano, uma vez que, além de seu papel central nos processos históricos aqui analisados, apresenta grande protagonismo no livro que está sendo abordado.

O vodú mantém uma das características fundamentais das religiões africanas: o culto às divindades é exercido por um grupo de fiéis (*hounsi*) que se colocam voluntariamente sob a autoridade de um sacerdote (*houngan*) ou de uma sacerdotisa (*mambo*) no seu santuário (*hounfô*). [...] O desconhecimento favoreceu interpretações excêntricas e absurdas que nada têm a ver com uma religião, altamente comunitária, espiritualista e solidária, tanto em seus rituais como em suas atividades extra-rituais, [...] ²²

Pode-se afirmar que o vodú funcionava como um elemento formador de identidade étnica, cultural e até mesmo de classe, reproduzindo um mundo mítico africano através de seus rituais, de sua concepção de vida comunitária e de sua busca por harmonia entre os quadros sociais. O vodú foi o responsável por integrar a herança cultural e os aspectos dinâmicos que foram excluídos pela homogeneização cultural forçada gerada pelo colonialismo. Os primeiros encontros que viriam a culminar na guerra pela independência foram, justamente, cerimônias vodú em que se proferiram discursos a favor da liberdade e da igualdade. Allí Boukman, um dos líderes da revolução, assim falou no célebre encontro de Bois Caiman (14 de agosto de 1791), às vésperas do estopim da revolta:

²⁰ ANSALDI; GIORDANO, 2012, p. 167.

²¹ *Cimarrón*, cuja tradução literal seria “chimarrão”, é uma palavra espanhola usada para denominar gado bravo e outros animais que voltavam à selvageria. O termo, utilizado para nomear os “xucros” e também o mate amargo, acabou sendo aplicado aos escravizados que fugiam e formavam comunidades na selva.

²² GRONDIN, 1985, p. 82.

El buen Dios que ha hecho el sol, que nos alumbra desde lo alto, que agita el mar que hace rugir la tempestad, escúchenme, vosotros, el buen Dios está oculto entre las nubes. Allá, él nos contempla y ve todo lo que hacen los blancos. El Dios de los blancos ordena el crimen, el nuestro solicita las buenas acciones. Pero esse Dios que es tan bueno, nos ordena la venganza. Él va a conducir nuestros brazos y darnos asistencia. Destruyamos la imagen del Dios de los blancos que tiene sed de nuestras lágrimas; escuchemos en nosotros mismos el llamado de la libertad.²³

Juntamente com a religião, desenvolveu-se uma língua própria que também atuaria como fator de coesão social entre as populações escravas.

O *créole* haitiano é uma criação dos negros escravos do Haiti. Oriundos de centenas de grupos linguísticos diferentes, misturados entre si por seus captadores, vendedores, compradores e donos nas plantações, os escravos do Haiti tiveram que criar um meio de comunicação oral e cultural entre si mesmos e entre eles e seus donos. Utilizando o francês, língua da colônia, como base, criaram o *créole*.²⁴

A palavra *créole* era utilizada para denominar “indígena” ou “selvagem” em francês, e acabou nomeando esse idioma que mistura o léxico da língua francesa com a sintaxe de línguas africanas e ameríndias. A língua não foi utilizada apenas no Haiti, mas na maior parte do Caribe e da América Central, além de outros territórios dominados pela França, como Canadá e Louisiana. Atualmente, o *créole* tem mais de dez milhões de falantes ao redor do mundo, além de ter sido reconhecido como uma das línguas oficiais do Haiti²⁵. Num sentido mais geral, o *créole* abrange toda uma cultura e uma herança específicas, incluindo alimentos, músicas, danças, modos de vestir e rituais comportamentais.

Paradoxalmente à riqueza de sua identidade e organização cultural, a presença dessas populações em solo haitiano se limitava, única e exclusivamente, à produção dentro do território dos senhores de engenho. É importante salientar a total falta de participação na estrutura socioeconômica e política da colônia. A política de afastamento dos escravizados da dinâmica societária local gerou, mais tarde, grandes dificuldades na formação de uma identidade nacional ou até mesmo de uma estrutura de poder mais coesa que pudesse guiar o país no complexo processo de reconstrução pós-revolução de independência. Segundo Guazzelli²⁶, embora a vitória revolucionária tenha sido incontestável, não houve a formulação de um projeto de cidadania ou de uma oposição identitária entre “americanos” e “europeus”. A guerra se deu

²³ JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussant Lverture e a Revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000, p. 87.

²⁴ GRONDIN, 1985, p. 73.

²⁵ PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. **O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político**. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./jun. 2016

²⁶ GUAZZELLI, Cesar A. B. **América Latina**: a busca de uma identidade. Vidya. Santa Maria: Faculdades Franciscanas, v. 27, janeiro 1997.

apenas no âmbito de enfrentamento aos colonos brancos e às tropas francesas, sem a criação de uma consciência *criolla* ou latino-americana, por exemplo.

A despeito de uma posterior falta de unidade, no cenário pré-revolta os escravizados mostraram grande capacidade de mobilização e ação política. Em 1789, tem início a Revolução Francesa e, como fazia parte do Império da França, a ilha haitiana recebeu fortes influências jacobinas. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que proclamava a liberdade, a igualdade, a vida e a propriedade como direitos de todos os homens logo foi apropriada pelos estratos da população que queriam ser ouvidos, independentemente de classe social ou cor da pele. Contudo, a população de Saint Domingue não demorou a perceber que

En verdade tras aquella retórica universalista se escondia un fuerte particularismo eurocentrico, racista, clasista y machista, por el cual al único ser humano que se le reconocían aquellos derechos era a uno muy particular: el hombre varón, blanco, europeo y propietario.²⁷

Foi convocada a constituição de uma Assembleia Colonial que visava liberalizar também o quadro social e econômico haitiano. Os colonos e as autoridades tentaram isolar os escravos desses debates, mas logo estes tiveram conhecimento do rechaço metropolitano à ideia de liberdade e igualdade das colônias. Os escravos negros eram vistos pela maioria dos políticos e dos intelectuais ocidentais como sub-homens irracionais que poderiam se rebelar anarquicamente, mas não como sujeitos capazes de fazer uma revolução genuína.

Finalmente, os escravos se rebelaram, trazendo como principal liderança o célebre Toussant Louverture. Na historiografia tradicional, existe uma corrente que sustenta que os escravos não se levantaram de maneira autônoma, mas que foram impulsionados pelos *grand blancs* conservadores para enfrentar o avanço da Revolução na França e na colônia. Contudo, é sabido que, mesmo que os amos sempre tivessem temido a possibilidade de um revolta de escravos, nunca consideraram que uma ação de tal magnitude fosse possível. Dessa forma, fica clara a total autonomia dos rebeldes e o caráter racista dessa interpretação, que apenas reforça estereótipos criados pelos próprios colonizadores e senhores de escravos.

[...] aquellos esclavos negros que lo llevaban adelante eran vistos por la mayoría de los políticos y intelectuales noroccidentales como subhombres irracionales que podían rebelarse anárquicamente pero no como sujetos capaces de llevar adelante una genuina revolución.²⁸

²⁷ MARTÍNEZ PERIA, 2012, p. 120.

²⁸ MARTÍNEZ PERIA, 2012, p. 118.

O que iniciou como uma revolta de escravos terminou como uma revolução extremamente radical e violenta que reclamava nada menos do que a liberdade total e irrestrita de todos os homens:

Así pues, los insurrectos y sus líderes, a partir de la experiencia sufrida de la esclavitud y del racismo, armados con sus tradiciones políticas y religiosas, tomaron los principios de la Revolución francesa resignificándolos, mas allá de sus límites burgueses y raciales, dando por resultado un ideario político absolutamente radical, sincrético, antiesclavista y antirracista que proclamaba la Libertad y la Igualdad Universal.²⁹

O que impulsionou os revoltosos não era apenas a influência da Revolução Francesa, mas o próprio regime de exploração econômica a que estavam submetidos, e também a polaridade social extrema e as regulamentações sociais extremamente rígidas, destinadas a manter não apenas a riqueza, mas também o poder na mão dos brancos colonizadores. Assim, podemos compreender o caráter extremamente violento e radical que logo foi assumido pelos rebeldes: milhares de hectares de plantações foram queimados e seus proprietários, quando não eram mortos precisavam fugir da ilha às pressas. A beligerância extrema assumida pelo movimento ilustra a sede de transformações radicais e não apenas pequenas reformas no sistema.

No outono de 1791, eclodiu a revolução. Num só mês, duzentas plantações de cana foram queimadas; os incêndios e os combates se sucederam sem trégua, à medida que os escravos insurretos iam empurrando os exércitos franceses na direção do oceano. As embarcações zarpavam carregando cada vez mais franceses e cada vez menos açúcar. A guerra verteu rios de sangue e devastou as plantações. Foi longa. O país, em cinzas, ficou paralisado; no fim do século a produção tinha caído verticalmente.³⁰ El radicalismo era pues la única manera de mantener y preservar la unidad, lo que era fundamental para que la victoria sobre las tropas de Napoleón pudiese marcar no sólo la ruptura para siempre con Francia, sino también la abolición definitiva en este territorio del complejo sistema económico de 'plantación-esclavitud'.³¹

A queda da monarquia e a execução do rei durante a fase mais radical da Revolução Francesa levou a Inglaterra e a Espanha a declarar guerra contra a França, invadindo a ilha de Saint Domingue. Os *grand blanc* e *affranchis* se aliaram com a Inglaterra e os escravos rebeldes ficaram ao lado da Espanha. O que explica porque o processo de independência do Haiti foi uma combinação de guerra de independência, guerra civil e guerra internacional. Com o apoio

²⁹ MARTINEZ PERIA, 2012, p. 129.

³⁰ GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2015, p. 100.

³¹ PIERRE, Guy. En torno del nombre de una nación: Haití. In: CHIARAMONTE, J. C.; MARICHAL, C.; GRANADOS, A. (org.). **Los nombres de los países de América Latina**. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2008. p. 99.

das nações europeias, em agosto de 1793, os insurretos venceram, expulsando grande parte dos proprietários de terra da ilha. Em 4 de fevereiro de 1794, a Assembleia Legislativa da Revolução Francesa se viu obrigada a abolir a escravidão em todas as colônias do Império.

1.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ORDEM

A partir de 1800, começa a ser construída uma nova ordem no Haiti, através de uma política revolucionária conciliatória, que manteve as extensões das propriedades de terra e estabeleceu salários para os que trabalhassem nelas. Também foi estabelecido o controle estatal sobre a economia e foi permitido o regresso dos *grand blancs* à colônia para que colocassem seus conhecimentos técnicos a serviço da nação. Os revolucionários, ao contrário do que dizem algumas correntes historiográficas, não eram racistas nem carregavam um discurso de ódio contra os brancos, mas tentavam promover um discurso genuinamente pós racial e a construção de uma nova sociedade.

Ser negro não mais significava ser um selvagem que devia ser escravizado e discriminado, mas sim um homem com plenos direitos e com uma posição de autorrespeito e valorização pessoal. No entanto, foi mantido o modelo econômico agroexportador baseado em grandes plantações e a ilha ainda era considerada parte do Império francês. Em primeiro de janeiro de 1804, finalmente, foi declarada a independência haitiana e criada a primeira república negra do mundo.

Em oposição à proposta mais moderada do primeiro líder da revolução, Toussaint L'Ouverture, que desejava a libertação dos escravizados sem uma ruptura total com a França, os revolucionários foram além. A título de comparação, a Constituição de 1801, elaborada por Toussaint e seus pares, estabelecia a liberdade como princípio universal e inalienável, mas também concedia um caráter bastante paternalista ao chefe de Estado, além de colocar o matrimônio ligado à “pureza de costumes”, negando o divórcio e legando a proteção das esposas ao Estado.³²

Já a constituição de 1805, construída após a guerra de independência, declarou abolida a escravidão em território haitiano para todo sempre, além de que todos os habitantes passariam a ser chamados de “negros”. Além disso, estabeleceu liberdade de cultos religiosos, autorizou

³² O texto integral da constituição encontra-se em NEMOURS, General A. Histoire militaire de la Guerre d'Indépendance de Saint-Domingue. Vol. 1. Paris, 1925, p.95-112. Apud JAMES, C. L. R. Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010, p. 241.

o divórcio e fez do matrimônio um ato puramente civil.³³ A Revolução Haitiana não apenas significou a independência de um país, mas também um ataque direto às bases culturais e sociais da ordem colonial do mundo ocidental moderno.

Fue una revolución que, buscando romper con el lado oscuro de la modernidad (el de la colonialidad), propuso um caminho político/ cultural alternativo al hegemónico en el sistema mundo moderno/ colonial.³⁴

Além do forte preconceito por parte das grandes potências da época, os haitianos tiveram que pagar uma vertiginosa indenização à França durante 122 anos, o que abalou permanentemente a economia do país. França, Inglaterra, Espanha e Estados Unidos formaram um bloqueio econômico ao país que tinha como objetivo de coagi-lo a pagar a citada indenização. Além disso, por muito tempo o nome Haiti foi rechaçado nas demais colônias americanas, uma vez que as elites coloniais temiam que o episódio dos escravos de Saint Domingue viesse a influenciar seus próprios explorados. Esse episódio ficou conhecido como o “terror do haitianismo”³⁵.

Apesar de um governo independente ter sido criado, a sociedade continuou a ser profundamente afetada pelos padrões estabelecidos pelo domínio colonial francês. A elite mulata e negra se pôs no lugar da superada elite branca, substituindo o sistema de escravidão por outro de servidão nas plantações. Como diz Rosa³⁶, “os movimentos pós-coloniais foram, de fato, motivados no sentido de ocupação do lugar do colonizador e não necessariamente, a inversão da ordem colonial rumo à sua completa negação”.

Assim sendo, pudemos observar como uma população negra escravizada e extremamente marginalizada organizou um levante a partir dos preceitos da Revolução Francesa, universalizando-os. Esses homens e mulheres, além de enfrentar o exército de Napoleão, tiveram que lidar com invasões inglesas e espanholas e com o preconceito das nações vizinhas, que passaram a temer o Haiti revolucionário. Mas, apesar de todos os obstáculos que se apresentavam, a partir de uma forte organização identitária trazida pela língua e pela religião, esse povo se rebelou e fundou a primeira república negra do planeta.

³³ Constitución Imperial D’Haiti (1805). El pensamiento constitucional hispanoamericano hasta 1830, Caracas, Academia Nacional de la Historia. 1961, v. 42, t. III, p. 159-170.

³⁴ MARTINEZ PERIA, 2012, p. 138.

³⁵ NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista. Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria. v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 469-488.

³⁶ ROSA, Renata de Melo. A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. Universitas: Relações Internacionais, Brasília, v. 4, n. 2, 2007, p. 5.

CAPÍTULO 2:

*LAS MUJERES NO SOMOS COBARDES*³⁷

2.1 QUESTÕES DE GÊNERO E FEMINISMO

Estabelecida uma breve contextualização do episódio a ser analisado, podemos entrar nos debates acerca de história das mulheres e de gênero. Muito cedo, pesquisadoras feministas assinalaram que uma perspectiva epistemológica feminina acrescentaria em muito à produção de conhecimento. No âmbito da história, isso se iniciou com a chamada História das Mulheres³⁸, que acrescentou novos temas e também novas visões de episódios já estudados no processo de estudo do passado. Contudo, era necessário ir mais além, reavaliar as premissas nas quais se embasava o trabalho científico até então existente, para que saíssemos de uma possível história sectária de um grupo e passássemos a uma visão feminista das relações que constroem o devir histórico.

O feminismo é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes. As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Elas demonstraram, ainda, que o poder foi – e ainda é – predominantemente masculino, e seu objetivo original foi a dominação das mulheres, especialmente de seus corpos.³⁹

Daí derivam os Estudos de Gênero. Em oposição e/ou complementaridade aos Estudos Feministas, que se dedicavam às mulheres e mantinham uma estreita relação com a militância política das cientistas, esta nova visão metodológica vai priorizar a compreensão do gênero como categoria relacional que gera importantes relações de poder. Aqui se encontra o famoso conceito da historiadora Joan Scott, ou seja, gênero como uma percepção sobre as diferenças sexuais, na qual essas diferenças são hierarquizadas de uma maneira binária e profundamente influenciada pelos vícios da sociedade ocidental⁴⁰.

Scott (1989) rechaça o que ela classifica como “uso descritivo do gênero”, quando apenas se enfatizam as questões dos conflitos binários entre mulheres e homens sem aprofundar

³⁷ ALLENDE, 2009, p. 236.

³⁸ PINSKY, Carla. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): janeiro-abril/2009, p. 159-189.

³⁹ NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**: Maringá, v. 11, n. 3, setembro/dezembro de 2006, p. 648.

⁴⁰ SCOTT, Joan. 1989.

o debate. Segundo a autora, essa oposição secular homem-mulher seria justamente uma das mais arraigadas e negativas tradições do pensamento ocidental. O que interessa é a forma como se constroem significados para as diferenças entre os corpos sexuados, posicionando-as dentro de relações hierárquicas, resultando na relação gênero-poder.

Assim sendo, símbolos, linguagens e significados são construídos a partir da percepção da diferença sexual e são utilizados para a compreensão de todo o universo observado, inclusive as relações sociais. Daí surge o gênero como uma categoria analítica: homens e mulheres devem ser vistos como questões construídas e não como categorias fixas dadas de antemão. A autora também destaca que é necessário historicizar as relações e tensões entre estas categorias, ao invés de produzir uma história das mulheres sectarizada e que pouco ou nada contribui para a quebra dos paradigmas ocidentais⁴¹.

Este trabalho poderia ser lido como uma abordagem seccionada de história das mulheres, mas pretende-se analisar esta história sob o prisma de relações interpessoais e não de binarismos. A questão central aqui é que, ao tratar de um tema que já apresenta um vazio historiográfico por si só, um episódio subversivo que foi relegado ao esquecimento e à clandestinidade, é imprescindível recuperar os quadros que pudermos. Em toda a bibliografia sobre Revolução Haitiana, as mulheres nunca são citadas, embora também tenham tomado parte do levante. Às vezes, também se faz necessário simplesmente recuperar a participação feminina em determinados episódios, a título de representatividade e superação do silêncio arquivístico.

Os procedimentos de registro, dos quais a história é tributária, são fruto de uma seleção que privilegia o público, único domínio direto da intervenção do poder e campo dos verdadeiros valores. O século XIX claramente distinguiu as esferas, pública e privada, cuja disposição condiciona o equilíbrio geral. Muito provavelmente essas esferas não recobrem exatamente a divisão dos sexos mas, *grosso modo*, o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens, e é este que conta.⁴²

Outra questão que perpassa os debates epistemológicos feministas é a questão da categoria “mulheres”. Nesse sentido, as políticas de identidade problematizam e desconstruem essa categoria. Nas palavras da célebre filósofa Judith Butler⁴³, “Mulheres é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A

⁴¹ SCOTT, Joan. The Conundrum of Equality. **Occasional Papers from the Institute for Advanced Study**, School of Social Science, Princeton, 1999

⁴² PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, agosto/setembro 1989, p. 10. Grifo da autora.

⁴³ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 213.

unidade da categoria ‘mulheres’ não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar”.

Por outro lado, as políticas de coalizão entendem ser possível e necessária a manutenção da unidade da categoria, uma vez concebida tal unidade como resultado de uma fixação parcial de identidades mediante a criação de pontos comuns, ou seja, das lutas políticas que devem ser travadas pelas “mulheres”, os “sujeitos do feminismo”.⁴⁴ Aqui entende-se que, evidentemente não existe uma natureza ou uma essência femininas, mas que, infelizmente, o sexo biológico acaba levando a uma determinada socialização e a vivências bastante específicas no contexto em que vivemos, gerando a construção e a imposição de uma certa “experiência feminina”, que une indivíduos bastante diversos em uma determinada categoria.

Como exemplo, as mulheres indígenas americanas foram submetidas a um tipo específico de exploração durante o período de conquista e de domínio colonial que não foi experienciado pelos homens. Os conquistadores vinham de um mundo onde a sexualidade era combatida e adentraram outro mundo, onde os corpos se exibiam e o prazer estava ao alcance. A violação dos corpos serviu para contemplar a operação de violência da conquista, complementado a implantação do patriarcado e o processo de apropriação de terras.⁴⁵ Ou seja, embora homens e mulheres tenham sido dominados nesse processo, as mulheres se depararam com uma dupla dominação: do homem sobre a mulher e do colonizador sobre a colonizada.

2.2 FEMINISMO NEGRO E A QUESTÃO RACIAL

Mas também não se pode esquecer que estamos falando de mulheres negras, em sua maioria africanas, que foram escravizadas. Aqui também seria interessante abordar autoras que trazem a intersecção entre as opressões de gênero e raça. Nesse sentido, o diálogo teórico se daria, principalmente, entre as obras de Patricia Hill Collins, Angela Davis e Bell Hooks, grandes nomes do feminismo negro norte-americano.

Angela Davis, militante negra, feminista e marxista, em sua clássica obra *Mulher, Raça e Classe*⁴⁶, traz uma profunda análise teórica das contradições existentes na sociedade de classes, mostrando as intrínsecas relações entre capitalismo, sexismo e racismo. A autora

⁴⁴ COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, 19, 2002, p. 59-90.

⁴⁵ ANSALDI, Waldo; GORDANO, Veronica. Algunas claves para definir las coordenadas de espacio, tiempo y realidad social. In: *América Latina. La construcción del orden. De la colônia a la disolución de la dominación oligárquica*. Buenos Aires, Ariel, 2012, p. 59-93.

⁴⁶ DAVIS, Angela Yvone. *Women, race & class*. New York: Vintage Books, 1983.

entrelaça os componentes econômico, político e ideológico do modo de produção capitalista, mostrando quão imbricada pode ser a sustentação da dominação de classe.

Essas diversas opressões acabam criando, além das ideologias de suporte, práticas de exploração econômica e estratégias políticas que visam dominar, controlar e coagir os grupos subalternos. Esses fatores, na maioria das vezes, são bastante contraditórios, uma vez que se dão dentro da luta dos movimentos sociais. Como exemplo de cenários em que se deram esses paradoxos podemos citar o movimento abolicionista, o movimento antiescravagista, o movimento sufragista, o próprio movimento das mulheres, os sindicatos e etc.

A forte crítica que Davis faz a essas contradições tem muito a contribuir com a análise da Revolução Haitiana. Primeiramente, porque essa se deu a partir da ideia de extensão absoluta dos direitos aclamados pela Revolução Francesa, um episódio repleto de paradoxos por se tratar de um levante que queria destruir a ordem do Antigo Regime, mas que preservava ideologias racistas, machistas, imperialistas, burguesas etc. Além disso, embora seja muito celebrada a memória da busca pela igualdade dos escravos haitianos, as escravas rebeldes raramente ou nunca são citadas, mostrando como o jogo entre as três opressões estruturais (capitalismo, patriarcado e supremacia branca) pode mudar constantemente.

Dialogando fortemente com Angela Davis, Bell Hooks⁴⁷, também militante negra e feminista interseccional, traz a abordagem existente de história das mulheres e/ou do feminismo como escrita por mulheres brancas e para mulheres brancas. A autora traz a ideia de que, muitas vezes, a luta contra a escravidão e o racismo impediu uma efetiva participação de mulheres negras no feminismo, mas, quando estas mulheres assumiam papéis de protagonismo no movimento, acabavam apagadas pela parcela branca.

No contexto norte-americano do século XIX, as mulheres negras não precisavam lutar para ter os mesmos deveres dos homens negros, pois elas já eram exploradas e escravizadas lado a lado com eles. Por isso, e por serem negras, aos olhos dos brancos, não eram vistas como mulheres e eram relegadas à marginalidade do iniciante movimento feminista. Aqui, podemos classificar o feminismo como um confirmador do imperialismo racial.

O imperialismo racial não permitia que mulheres negras ocupassem os mesmos lugares que as brancas, mesmo que ambas tivessem pautas bastante específicas em seus movimentos. Contudo, era esse mesmo imperialismo fazia com que algumas pautas fossem específicas das negras: para exemplificar, enquanto as mulheres brancas lutavam por igualdade de direitos, as mulheres negras estavam lutando para não serem mais vistas como sinal de promiscuidade e

⁴⁷ HOOKS, Bell. **Ain't I a woman** - Black Women and Feminism. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014.

luxúria, como naturalmente imorais. Em consequência, enquanto as brancas estavam clamando por uma reforma geral e por direitos iguais; as negras, primeiramente, tinham que defender sua moralidade e virtude.

Enfim, esses diálogos e conflitos entre opressão de raça e de gênero trazem reflexões essenciais quando pensamos em escrever a história de mulheres negras, ainda mais no contexto de uma colônia na qual a sociedade e a economia eram absolutamente baseadas na escravidão e na diferenciação pela cor da pele. Como afirma Ana Cláudia Pacheco⁴⁸, “Foi sobre os corpos negros de homens e, especialmente, das mulheres que, no processo de escravidão e pós-abolição, ergueram-se grandes empreendimentos da máquina colonizadora...”.

Por fim, Patricia Hill Collins⁴⁹, socióloga afro-americana e importante nome dos estudos étnicos e raciais do EUA, trabalha com o poder da autodefinição da mulher negra que, ao se familiarizar com a linguagem do opressor (majoritariamente o homem branco), ainda assim, oculta um ponto de vista próprio e autodefinido, que mantém protegido dos que estão ao seu redor. Esse conceito se faz bastante presente na obra abordada de Isabel Allende, em que a personagem principal, embora escravizada, sempre mantém pensamentos e formas particulares de transgressão que não ficam evidentes para os brancos

[...] Primeiro, a posição política e econômica das Mulheres Negras lhes fornece uma visão diferente da realidade material daquelas disponíveis para outros grupos. [...] Segundo, estas experiências estimulam uma percepção peculiar do feminismo negro no que se refere a sua realidade material. Em poucas palavras, um grupo subordinado não só experimenta uma realidade diferente daquela do grupo hegemônico, mas um grupo subordinado pode entender aquela realidade diferentemente da do grupo dominante.⁵⁰

Outro fator que torna ainda mais importante as contribuições de autores que debatem raça se apresenta na análise da obra literária em questão. Isabel Allende, embora mulher latino-americana, é uma pessoa branca escrevendo sobre escravizadas negras. Toda a obra de Allende é marcada pela ênfase no olhar feminino, contudo até que ponto as diferenças étnicas também não influenciam sua escrita? De muitas maneiras, *La Isla Bajo el Mar* pode corroborar diversos estereótipos sobre as populações afro-americanas. Da mesma maneira, creio que a posição de pesquisadora branca falando sobre populações negras também pode pesar no que se refere à questão do lugar de fala.

⁴⁸ PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra, afetividade e solidão**. Salvador: Edufba, 2013.

⁴⁹ COLLINS Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Nova York e Londres: Routledge, 2002.

⁵⁰ COLLINS, 2002, p. 747-48.

Para aprofundar um pouco mais o debate sobre a questão racial, foram abordados autores afro latino-americanos, em sua maioria francófonos, uma vez que se estuda o contexto de uma ex-colônia francesa. Dentro disso, o movimento conhecido como *Negritude* foi de suma importância para o debate sobre colonialismo, racismo, escravidão e pós-colonialismo entre autores martinicanos, haitianos e caribenhos em geral. Segundo Senghor⁵¹, a negritude é o conjunto de valores culturais da África negra. Para Césaire⁵², essa palavra designa em primeiro lugar a repulsa. Repulsa ante a assimilação cultural; repulsa por uma determinada imagem do negro tranquilo, incapaz de construir uma civilização. O cultural estaria acima do político.

Com certeza, um dos maiores nomes desse processo foi Frantz Fanon, com sua icônica obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*⁵³, que aborda diversas relações raciais, inclusive as relações afetivas entre a mulher negra e o homem branco. Fanon argumenta que a colonização não se afirma apenas através da conquista e da subordinação material de uma população, mas também através da linguagem, da cultura, do domínio dos corpos e até mesmo da produção científica, no que ele chama de colonialismo epistemológico. O autor enfatiza que o racismo obriga as pessoas negras a saírem da relação dialética entre o Eu e o Outro, que seria a base da vida ética dos indivíduos. Dessa maneira, ao contrário do que se afirmava, a luta antirracista não é contra o Outro (o ser branco, no caso), mas sim uma batalha para entrar nessa relação com o outro, o que permitiria a defesa de autonomia e a condenação do racismo e da escravidão.

Dentro disso, as mulheres negras seriam vítimas, principalmente, de opressões expressas na autoimagem e nas relações afetivo-sexuais. Essas seriam naturalizadas como vítimas da erotização extrema e da sua exclusão no mercado afetivo. Enquanto a mulher negra é vista como destinada ao trabalho doméstico feminilizado e ao mercado do sexo e do “exotismo”, a mulher branca é vista como pertencente a uma cultura afetiva, relativa ao casamento e à união estável.⁵⁴

⁵¹ WASHINGTON, Sylvia. **The Concept of Negritude in the Poetry of Leopold Sedar Senghor**. Princeton University Press, 2018.

⁵² CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

⁵³ FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

⁵⁴ PACHECO, 2013.

2.3 AS MULHERES NO CICLO INDEPENDENTISTA LATINO-AMERICANO

Uma vez estabelecido o quadro geral da independência haitiana, das independências latino-americanas e do debate de gênero, é hora de abordar as intersecções entre esses temas. Infelizmente, a bibliografia sobre o Haiti, especificamente, é muito escassa, quase inexistente. Para fins comparativos, será utilizado o trabalho de Maria Lígia Prado⁵⁵ como suscitador de questões sobre a participação das mulheres nos processos de independência da América Latina num geral.

A autora vai trazer, principalmente, a questão do apagamento das mulheres que participaram desses processos. É de conhecimento geral que, ao longo de toda a história, as participações femininas foram ocultadas e silenciadas, uma vez que às mulheres estava reservada esfera do doméstico e do privado. Maria Lígia coloca que as latino-americanas participaram largamente e ativamente dos processos de independência de suas nações, mas que nunca são creditadas por isso.

Contudo, quando essas mulheres são citadas, sempre é enfatizada a importância de convencimento das mulheres da importância da causa patriótica. Essas nunca escolhiam participar de um movimento político de maneira autônoma, mas precisavam ser conduzidas por um homem próximo. A nação era vista como uma família e a mulher era sempre retratada como rodeada pelos membros dessa família, pois nunca poderia estar sozinha. Os temas da política eram mostrados como temas discutidos pela e na família, que sempre era unida pela mesma causa e nunca dividida.

Assim, pode-se observar o surgimento de um retrato de mulher ideal, construído como exemplo para gerações contemporâneas e futuras. Em torno dela, foi moldado um padrão de respeitabilidade a partir do qual sua vida ganhava um lugar digno na galeria de figuras nacionais. Para isso, se utilizou a imagem do sacrifício e do sofrimento: diferentemente dos homens, tinham total desinteresse pelas honrarias públicas e pelos bens materiais, sempre mantinham o forte sentimento de caridade e mantinham uma esperança ardente, não permitindo que o ânimo dos demais esmorecesse.

O circuito da mulher ou o campo em que ela se move é o das emoções. Dessa forma, as mulheres não escolhiam uma causa pela qual lutar racionalmente, mas eram tomadas por um sentimento de paixão que as empurrava para a insurreição. Nesse momento excepcional da

⁵⁵ PRADO, Maria Lígia. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo, Edusp, 1999.

história, era louvável que elas tivessem adentrado a cena política para lutar por uma causa justa, mas depois deveriam voltar para seu lugar natural, a órbita do privado. Suas ações foram sacralizadas por uma linguagem religiosa que as elevava a uma categoria superior, inalcançável.

Foi esquecido ou propositalmente ocultado que as mulheres participantes dos movimentos pela independência atuaram num circuito claramente identificado com o da política, motivado por ideias, sentimentos e crenças que as levaram a romper com os padrões sociais e religiosos vigentes.

Foram mulheres rebeldes, insubordinadas, agindo fora das regras e das normas, que ganharam respeitabilidade, transformadas em modelos de esposa e mãe, glorificadas por todas as virtudes cristãs intimamente trançadas com as virtudes patrióticas.⁵⁶

Desta forma, observa-se que a necessidade de discutir o papel feminino nos processos históricos vem de longa data e pode ser encarada de diversas formas. No caso deste trabalho, é central a intersecção entre gênero e raça, principalmente por se tratar de uma pesquisadora branca trabalhando com a história de escravizadas negras. Utilizando esses pressupostos teóricos, pretende-se abordar o caso haitiano, uma exceção dentro do contexto latino-americano, que já teve uma pesquisa maior dentro da problemática de gênero.

⁵⁶ PRADO, 1999, p. 51.

CAPÍTULO 3:

*LAS MUJERES AMAMOS MÁS PROFUNDO Y LARGO*⁵⁷

3.1 HISTÓRIA E LITERATURA

A cultura representa um amplo campo de pesquisa para as ciências humanas em geral. Considerando que a cultura pode abranger todo o espectro da produção e das relações humanas⁵⁸, a história, em especial, conserva uma relação especial com esse campo do conhecimento, registrando as transformações sofridas pelas diferentes culturas ao longo do tempo. Uma vez que as variações culturais apenas fazem sentido no contexto em que são produzidas, o estudo desse contexto através da ciência histórica se torna essencial.

Para Darnton⁵⁹, a representação seria a maneira pela qual as pessoas comuns organizavam a realidade em suas mentes, expressando-a através de comportamentos e práticas sociais. Essas representações seriam limitadas por uma espécie de “idioma geral”, um conjunto de símbolos e significações fornecidos pelo contexto cultural. Embora houvesse expressões individuais, o historiador deve atentar para a maneira como as culturas influenciaram os modos de pensar.

Essa representação se daria através de narrativas que, por sua vez, têm estreita relação com a construção de identidades.

[...] a identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra.⁶⁰

Zilá Bernd⁶¹ afirma que a literatura viabiliza os processos de construção e desconstrução de identidades, tanto individuais quanto coletivas.

Se a literatura pode pouco, por que não pode mudar o mundo e suas desigualdades? Ela é o espaço privilegiado de renúncia e resistência nos ásperos tempos dos regimes de arbítrio e exceção, viabilizando processos de construção e desconstrução de identidades individuais e nacionais.⁶²

⁵⁷ ALLENDE, 2009, p. 141.

⁵⁸ SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

⁵⁹ DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1987

⁶⁰ RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Seuil. 1985 (tomo 3), p. 432.

⁶¹ BERND, Zilá. Literatura e identidade cultural. In: WESCHENFELDER, Eládio Vilmar; RÖSING, Tania m. Kuchenbecker; GRAEFF, Telisa Furlanetto (orgs.). **Da prensa ao ebook**. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 293-99.

⁶² Idem, p. 295.

Nesse contexto, a narrativa literária pode assumir a função de sacralizar a união de uma comunidade ao redor de seus mitos fundadores, gerando homogeneidade e uma certa coesão de crenças e ideologias. Mas, da mesma maneira, há a função da dessacralização, de desmistificação e desmontagem de um sistema dado, problematizando a estrutura na qual os indivíduos se encontram. Nesse caso, segundo Edouard Glissant⁶³, a literatura corresponde a um pensamento politizado e a uma abertura contínua para o diverso, território propício para desenvolvimento de uma cultura com presença de alteridade, mas sem etnocentrismos e guetizações. Da mesma maneira, as literaturas de grupos tradicionalmente marginalizados em nossa sociedade conseguem expor as falhas no nosso sistema ao mesmo tempo em que preenche vazios narrativos da memória coletiva, fornecendo autoafirmação a comunidades anteriormente assimiladas pelo colonialismo e pelo imperialismo.

Dito isso, o contexto da conquista do continente americano pelos europeus exerceu uma forte influência na questão cultural:

Essas preocupações que cultura passou a expressar tornaram-se tanto mais importantes quanto a partir do século XIX foi-se intensificando o poderio das nações europeias frente aos povos do mundo. Aumentaram então os contatos entre as nações da Europa, industrializadas e sedentas de novos mercados, e populações do resto do mundo. Sociedades antes isoladas foram subjugadas e incorporadas ao âmbito de influência europeia. Foi nessa época que a preocupação com cultura se generalizou como uma questão científica; foi a partir de então que as ciências humanas passaram a tratar sistematicamente dela.⁶⁴

Os povos europeus, na tentativa de construção de uma hegemonia política e econômica, delimitaram intelectualmente a posição do Ocidente através da imposição de suas concepções culturais aos povos dominados. Consequentemente, nas Américas, as discussões sobre cultura estão profundamente ligadas à construção de identidades nacionais e à busca por elementos autóctones, “legitimamente” americanos. Essas discussões servem como referência no processo que incorporou populações nativas dominadas e/ou trazidas à força em sociedades nacional de molde europeu.

Nesse processo, as culturas de povos nativos do continente foram tachadas como algo externo às culturas legitimamente nacionais americanas, apenas sendo reconhecidas como elemento exótico ou folclórico. Tornou-se senso comum classificar a cultura latino-americana a partir de características particulares de seus diversos países, todas advindas do colonizador

⁶³ GLISSANT, Edouard. La poétique de la relation. In: **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981, p. 189-201.

⁶⁴ SANTOS, 2009, p. 28.

européu, apenas acrescentando contribuições de povos indígenas ou das populações africanas escravizadas. Nesse caso, além do silenciamento da história das mulheres, temos o da história dos povos originários da América Latina e daqueles que foram forçadamente trazidos para cá. Uma vez que Cristóvão Colombo, ao obliterar as sociedades nativas que aqui habitavam e ao apagar suas culturas (impondo a cultura europeia, a começar pela língua), impossibilitou enormemente a escrita de uma história a partir dos povos indígenas, a solução foi colocar a chegada dos europeus como marco inicial histórico.

[...] el continente deja de tener un pasado y pasa solamente a vivir un presente de tradiciones desplazadas de Europa y un devenir basado en tales tradiciones, normas y valores que vienen con los conquistadores españoles y, posteriormente, con los colonizadores de varias partes del mundo.⁶⁵

De acordo com Guazzelli⁶⁶, dentro desse processo, vamos observar a construção da imagem da América como um lugar desviante, cenário de delitos, anarquia e criminalidade, onde a presença das autoridades se fazia constante. A América se tornou o local de punição para onde eram enviados os excluídos, as populações indesejáveis, impossibilitando uma consciência de americanidade entre a população. Os americanos eram seres inferiores que deveriam ser submetidos aos propósitos da civilização, uma vez que não faziam parte dela.

Durante o século XIX, com o advento das revoluções de independência em todo o continente, a problemática se volta para a questão da identidade nacional e o papel das novas nações latino-americanas na nova configuração política e econômica mundial. Entretanto a influência dos países dominantes ainda é nítida. Para Hobsbawm, “a história dos países atrasados nos séculos XIX e XX é a história da tentativa de alcançar o mundo mais avançado por meio de sua imitação”⁶⁷.

Na Europa, as burguesias haviam sido responsáveis pela montagem das identidades nacionais coesas que uniriam os povos das nações recém-criadas. Na América, esses grupos eram inexistentes, e as oligarquias regionais ocupavam seu lugar. As disputas entre essas oligarquias conduziram ao fracionamento territorial das unidades nacionais, que tiveram sua organização negada, uma vez que poderiam ameaçar os interesses políticos e econômicos desses grupos dominantes⁶⁸.

⁶⁵ SILVA, 2014, p. 4-5.

⁶⁶ GUAZZELLI, Cesar A. B. **América Latina: a busca de uma identidade**. Vidya. Santa Maria: Faculdades Franciscanas, v. 27. Jan 1997, p. 7-26.

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Traducción de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 15.

⁶⁸ GUAZZELLI, 1997, p. 7-26.

Já no século XX, com o avanço das independências e a emergência das teorias pós-coloniais, podemos observar uma mudança no pensamento histórico e cultural vigente: finalmente, se inicia a fuga de modelos europeus pré-estabelecidos, colocando a hibridização cultural própria da América como elemento central das identidades nacionais. A peculiaridade do Novo Mundo seria a mistura entre culturas indígenas, africanas e europeias que não existiu em nenhum outro lugar do mundo.

Esse pensamento se reforça com o advento da Primeira Guerra Mundial, em 1914, que representou um momento de rechaço aos valores ocidentais e, principalmente, europeus. Os hispano-americanos passam a ter outra visão do Velho Mundo, questionando a ideia positivista de progresso que havia levado a uma guerra extremamente sangüinária. Aqui começam resgates do folclore americano e o processo de valorização da originalidade do continente. Esse processo vai se refletir, a partir de 1968, em uma revolução cultural que levará as potências europeias a se centrarem nos estudos dos chamados “grupos subalternos”⁶⁹.

3.2 ISABEL ALLENDE E O REALISMO MARAVILHOSO

É dentro desse contexto de dar voz literária a populações tradicionalmente marginalizadas que se insere o Realismo Maravilhoso. Como foi dito brevemente na introdução, esse movimento literário, que teve como precursor o cubano Alejo Carpentier, surgiu pelo anseio de uma literatura autenticamente latino-americana. Os escritores do continente não mais deveriam se adaptar ou se basear nos moldes europeus, mas sim exaltar tudo aquilo que há de mais originalmente latino. Nesse processo se inserem as literaturas afro-americanas e os romances escritos por mulheres na tentativa de valorizar a visão feminina da realidade.

Contudo, o Real Maravilhoso não deve ser confundido com o realismo mágico, relativo à estrutura narrativa e presente na obra de Gabriel García Márquez. Neste caso, o narrador apresenta uma nova atitude ao que se apresenta como real, utilizando conotações exotéricas e evocações de ocultismo. A realidade é projetada como um símbolo do qual o leitor deve se desprender, sofrendo um processo de metamorfose gradual ao adentrar os diferentes níveis do texto. Esse realismo mágico foi cunhado entre 1924 e 1925, pelo crítico de arte alemão Franz Roth, em um livro de mesmo título, que o descreveu como uma forma de pintura expressionista com manifestações artísticas desligadas de uma intenção política concreta.

⁶⁹ SPIVAK, G. Puede hablar el subalterno? *Revista Colombiana de Antropología*, v. 39, jan.-dez. 2003, p. 297-364.

[...] Lo real maravilloso, en cambio, que yo definiendo, y es real maravilloso nuestro, es el que encontramos en estado bruto, latente, omnipresente en todo latinoamericano. Aquí lo insólito es lo cotidiano, siempre fue cotidiano.⁷⁰

Outro termo literário semelhante é o Realismo Fantástico, ligado ao sobrenatural e ao fantasmagórico. Nesse caso, o medo atinge o fator psicológico do texto, dando sustentação à narrativa. Chiampi enfatiza que

O ponto chave para a definição do fantástico é dado pelo princípio psicológico que lhe garante a percepção do estético: a fantasmaticidade é, fundamentalmente, um modo de produzir no leitor uma inquietação física (medos e variantes), através de uma inquietação intelectual (dúvidas).⁷¹

Segundo Pizarro⁷², a nova novela hispano-americana não apenas reproduz os fatos ocorridos como reescreve novas versões, acrescentando novos pontos de vista e novos personagens. No campo do Real Maravilhoso, cada personagem tem uma maneira distinta de olhar o passado e todas essas maneiras são únicas, legítimas e de valor inestimável. Para o peruano José Miguel Oviedo⁷³, a temática dos testemunhos dos processos de transformação social e política da América Latina intensifica a presença do panorama histórico dentro dos romances. A partir disso, cabe ao romancista reescrever esses panoramas a partir não apenas de registros já existentes, mas a partir da criação de novas histórias a partir da própria literatura. De acordo com o haitiano Jacques Stephen Alexis, o Realismo Maravilhoso apenas pode existir na América Latina, uma vez que sua característica maravilhosa advém do futuro. O real apenas é maravilhoso porque promete algo, projeta um futuro, e os países latinos estão voltados para a construção de um futuro, uma realidade menos penosa.

O realismo é banal, conhecido; enquanto o *maravilhoso* é algo que só acontece uma vez. Esta união dos contrários é possível para os escritores que trabalham para produzir algo que não é comum. Nesta perspectiva, uma obra é *realista* porque tem a base no real, mas é *maravilhosa* porque admite algo que pode ocorrer no futuro.⁷⁴

Menton⁷⁵ afirma que esse fenômeno literário se deu a partir da mobilização cultural de comemoração aos quinhentos anos do “descobrimento” do continente americano, que reavivou

⁷⁰ CARPENTIER, Alejo. **Los pasos recobrados ensayos de teoría e crítica literaria**. Caracas: Ed. Biblioteca Ayacucho, 2003 (s/p).

⁷¹ CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980, p. 52.

⁷² PIZARRO, Ana. **América latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Tomo Editorial v.1-v.3/Editora da UNICAMP, 1993-1995.

⁷³ OVIEDO, José Miguel. **Historia de la Literatura Hispanoamericana**. Madrid: Tomo Editorial v2.-v.3/Alianza Editorial. 2001.

⁷⁴ BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 49.

⁷⁵ MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina**, 1979-1992. México: Fondo de Cultura

em escritores e intelectuais profundas reflexões sobre os contextos social, cultural e político da Hispano-América, levando a valorização de sua história, seus costumes, crenças e mitos. Para O’Gorman⁷⁶, ao repensar a história do continente americano, a chave fundamental seria superar o conceito de “invenção” ou “descobrimento”. Esse não deveria mais ser considerado como um resultado da intelectualidade europeia e ocidental, mas como um descobrimento físico comum decorrente de casualidade.

Um dos grandes nomes, não apenas do Real Maravilhoso, como da literatura latino-americana como um todo, é Isabel Allende. A autora nasceu em Lima, no Peru, durante uma missão diplomática de seu pai em dois de agosto de 1942, mas após a separação de seus pais, Tomás Allende (primo do ex-presidente chileno Salvador Allende) e Francisca Llonca, passou a viver no Chile. Trabalhou muitos anos como jornalista antes de se tornar escritora. Viveu exilada na Venezuela durante treze anos após o golpe militar de Augusto Pinochet. Em 1987 casou-se com um norte-americano e mudou-se para os Estados Unidos, onde vive até hoje.

Seus livros são fortemente marcados pelo ponto de vista feminino, sempre dando voz às mulheres latino-americanas e foi considerada uma das maiores revelações literárias da década de 1980 no continente. Assuntos que sempre fazem presentes em sua obra são o papel feminino dentro da sociedade, relações familiares e espiritualidade. Seus livros venderam milhares de cópias e foram traduzidos para dezenas de idiomas. Além disso, a escritora foi agraciada com diversos prêmios e é membro de inúmeras academias de letras e sociedades literárias.

No romance de Allende aqui analisado, o Real Maravilhoso se faz presente, principalmente, através de figuras históricas como o mítico Mackandal e o general Relais, que se mesclam a fatos sobrenaturais, geralmente no contexto da religião vodu. Outro ponto muito típico desse gênero literário que se faz presente na obra é a mistura, muitas vezes irônica, de elementos europeus no cenário latino-americano, como o suntuoso banquete à moda francesa, oferecido pelo intendente da colônia, em que as pessoas mal conseguiam mover-se pelo excessivo calor em meio ao clima e à umidade das Antilhas. Outro exemplo é o jardim que o escravocrata Valmorain possui em sua propriedade, numa tentativa de reproduzir o ambiente de Versalhes, mas que precisa ser adaptado ao clima tropical da ilha.

Económica, 1993.

⁷⁶ O’GORMAN, Edmundo. *La invención de América. Investigación acerca de la estructura histórica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir.* México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1958.

3.3 LA ISLA BAJO EL MAR

Como dito anteriormente, na introdução deste trabalho, o livro trabalhado conta a história de Zarité Sendella, filha de uma escravizada africana trazida da Guiné e de um marinheiro branco. Allende alterna capítulos narrados em terceira pessoa com capítulos em que a protagonista conta suas memórias, sempre trazendo uma forte influência espiritual à sua *loa* mãe, Erzuli. Foi criada desde poucos meses de idade na casa de Madame Delphine, uma francesa que trabalhava dando aulas de etiqueta e instrumentos musicais às moças da alta sociedade de Saint-Domingue. Na casa de Delphine, Teté, como era chamada, tinha como figura paterna um escravo mais velho, Honoré, que lhe cuidava e lhe ensinou sobre a religião vodu. Desde o primeiro capítulo, é possível notar a influência do vodu na vida de Teté, que usava as calendas e a dança como meio de escape para aguentar a dura realidade da escravidão: “Baila, baila, Zarité, porque esclavo que baila es libre... mientras baila’ [Honoré] me decía. Yo he bailado siempre.”⁷⁷

Aos nove anos de idade, Teté é vendida para Toulouse Valmorain, um francês rico, proprietário de uma fazenda de açúcar, a propriedade Saint Lazare. Sua função é ser dama de companhia da esposa do fazendeiro, a espanhola e católica fervorosa Eugenia García del Solar. Doña Eugenia vem de uma família decadente da aristocracia ibérica e carrega extrema aversão às populações africanas e, principalmente, ao vodu haitiano. Contudo, acaba nutrindo uma forte afeição por Zarité, única pessoa sempre presente ao seu lado. Mais tarde, quando Eugenia acaba enlouquecendo devido às alucinações sobre zumbis e levantes dos escravizados, Teté será a única de quem ela se lembrará. Quando Eugenia engravida, após sucessivos abortos espontâneos, já não está mais em condições de cuidar da criança, que acaba sendo relegada aos cuidados de Teté.

Zarité cuida da criança, Maurice Valmorain, como seu próprio filho, uma vez que, alguns anos antes, havia engravidado também. A escravizada era sistematicamente violada por seu senhor, Toulouse e, quando seu filho nasceu, sendo mulato e ilegítimo, teve de ser levado para longe da mãe. Além disso, a gestação teve de ser escondida de Donã Eugenia, que foi enviada a um convento em Cuba. Teté ainda engravida novamente, logo após o nascimento de Maurice, mas desta vez sua senhora já se encontra tão debilitada psicologicamente que não tem mais como perceber o que se passa sua volta. Assim, é permitido a ela manter a criança, a também mulata Rosette.

⁷⁷ ALLENDE, 2009, p.11.

Rosette nació el mismo día en que desapareció Gambo. Así fue. Rosette me ayudó a soportar la angustia de que lo atraparan vivo y el vacío que él dejó en mi cuerpo. Estaba absorta en mi niña. Gambo corriendo por el bosque perseguido por los perros de Cambrey ocupaba solo una parte de mi pensamiento. Erzuli, loa madre, cuida a esta niña. Nunca había sentido esa forma de amor, porque a mi primer hijo no alcancé a ponérmelo al pecho. El amo le advirtió a Tante Rose que yo no debía verlo, así sería más fácil la separación, pero ella me dejó sostenerlo por un momento, antes de que él se lo llevara. Después me dijo, mientras me limpiaba, que era un chico sano y fuerte. Con Rosette, comprendí mejor lo que había perdido. Si también me la quitaran, me volvería loca, como doña Eugenia. Trataba de no imaginarlo, porque eso puede hacer que las cosas sucedan, pero una esclava siempre vive con esa incertidumbre. No podemos proteger a los hijos ni prometerles que estaremos con ellos mientras nos necesiten. Demasiado pronto los perdemos, por eso es mejor no traerlos a la vida. Al fin perdoné a mi madre, que no quiso pasar por ese tormento.⁷⁸

O nome de Rosette é uma homenagem à madrinha de Zarité em Saint Lazare, a *mambo* Tante Rose. É a sacerdotisa vodu e curandeira da plantação, tendo papel importantíssimo para os negros da propriedade, atuando como enfermeira e também organizando as calendas do local. Tante Rose é retratada como uma personagem muito sábia, uma espécie de tutora para Teté, capaz até mesmo de ver o futuro através de seus *loas*. A *mambo*, inclusive, é profundamente admirada pelo médico francês de Le Cap, Doutor Parmentier, que admite que seus métodos de cura são muito mais avançados do que a medicina europeia. Tante Rose ensina tudo o que sabe a Zarité e a ajuda em numerosas situações em que decisões difíceis precisam ser tomadas.

A Tante Rose la consultaban de otras plantaciones y atendía por igual a esclavos y animales, combatía infecciones, cosía heridas, aliviaba fiebres y accidentes, ay udaba en partos e intentaba salvar la vida de los negros castigados. Le permitían ir lejos en busca de sus plantas y solían llevarla a Le Cap a comprar sus ingredientes, donde la dejaban con unas monedas y la recogían un par de días más tarde. Era la *mambo*, la oficiante de las calendas, a las que acudían negros de otras plantaciones, y tampoco a eso se oponía Valmorain, a pesar de que su jefe de capataces le había advertido que terminaban en orgías sexuales o com docenas de poseídos rodando por el suelo con los ojos en blanco. « No seas tan severo, Cambrey, deja que se desahoguen, así vuelven más dóciles al trabajo », replicaba el amo de buen talante. Tante Rose se perdía durante días y cuando y a el jefe de capataces anunciaba que la mujer había huido con los cimarrones o cruzado el río hacia el territorio español, regresaba cojeando, extenuada y con su bolsa llena.⁷⁹

Zarité se apaixona por um escravo mais jovem que ela, um guerreiro recém-chegado da Guiné, chamado Gambo. Na África, era filho do importante líder de uma tribo e se dedicava à guerra, o que o leva a planejar sua resistência à escravidão e, futuramente, sua fuga. Aqui, Allende constrói a oposição entre um escravo nascido na África e uma escrava que já havia nascido na colônia, internalizando o sistema escravista. Gambo se recusa a aceitar seu destino

⁷⁸ ALLENDE, 2009, p. 154.

⁷⁹ Idem, p. 89-90.

e, quando o levante de escravos começa, foge para as montanhas, enquanto Teté permanece ao lado de seus filhos na plantação.

Siempre supe que Gambo se iría sin mi. En la cabeza, los dos lo habíamos aceptado, pero no en el corazón. Gambo podría salvarse solo, si estaba señalado en su z'etoile y los loas lo permitían, pero ni todos los loas juntos podrían evitar que lo cogieran si iba conmigo. Gambo me ponía la mano en la barriga y sentía moverse al niño, seguro de que era suyo y se llamaría Honoré, en recuerdo del esclavo que me crio en casa de madame Delphine. No podía nombrarlo como su propio padre, quien estaba con los Muertos y los Misterios, pero Honoré no era mi pariente de sangre, por eso no era una imprudencia usar su nombre. Honoré es un nombre adecuado para alguien que pone el honor por encima de todo, incluso del amor. «Sin libertad no hay honor para un guerrero. Ven conmigo, Zarité.» Yo no podía hacerlo con la barriga llena, tampoco podía dejar a doña Eugenia, que ya no era más que un muñeco en su cama y mucho menos a Maurice, mi niño, a quien le había prometido que nunca nos íbamos a separar.⁸⁰

Nesse caso, também é possível observar as diferenças entre a experiência masculina e feminina. Gambo podia fugir, embora amasse Zarité, colocava sua honra de guerreiro acima de tudo e desejava morrer lutando, “como um homem”. Teté, por sua vez, se encontra em período de gestação e não tem a possibilidade de deixar seus filhos pra trás. Ela continua ao lado das crianças mesmo que isso signifique continuar tendo uma existência miserável. Por fim, Toulouse Valmorain decide fugir para Nova Orleans para escapar da revolução que estava matando todos os brancos, e promete a liberdade à Teté para que ela o acompanhe.

A família Valmorain se instala em Nova Orleans, dessa vez investindo em plantações de algodão, mas Toulouse sempre posterga a libertação de Teté. O fazendeiro cria regras inexistentes para manter Zarité como sua escrava, e ela permanece ao seu lado por medo de não conseguir manter sua filha Rosette. Após um tempo, Valmorain se casa novamente com Hortense Guizot, uma mulher manipuladora que despreza profundamente Zarité. Hortense convence o marido a transferir Teté, que sempre havia sido uma escrava doméstica, para o trabalho da plantação, e Rosette é levada para o convento das ursulinas. Mais uma vez, a protagonista é afastada de sua prole.

A nova esposa de Toulouse também despreza Maurice, que envia para um internato em Boston como tentativa de mantê-lo afastado de Rosette, com quem havia crescido. Os dois, no entanto, mantinham contato por cartas e, alguns anos depois, já em sua vida adulta, os dois se casam, mesmo tendo sido criados como irmãos. Nessa época, Zarité já havia conseguido a liberdade para si e para sua filha e então conhece Zacaharie, um negro livre por quem se apaixona e com quem tem mais dois filhos, Violette e Honoré.

⁸⁰ ALLENDE, 2009, p. 154-155.

Tété tuvo a su hija en el bochornoso mes de junio ay udada por Adèle y Rosette, quien quería ver de cerca lo que le esperaba a ella al cabo de unos meses, mientras Loula y Violette se paseaban por la calle tan nerviosas como Zacharie. Cuando tomó a la niña en brazos, Tété se echó a llorar de felicidad: podía amarla sin miedo a que se la quitaran. Era suya. Debería defenderla de enfermedades, accidentes y otras desgracias naturales, como a todos los niños, pero no de un amo con derecho a disponer de ella como le diera la gana.⁸¹

Zacharie y yo ya tenemos historia, podemos mirar hacia el pasado y contar los días que hemos estado juntos, sumar penas y alegrías; así se va haciendo el amor, sin apuro, día a día. Lo quiero como siempre, pero me siento más cómoda con él que antes. (...) No le gusta que yo ande descalza por la calle, porque ya no soy esclava, que acompañe al Père Antoine a socorrer pecadores en El Pantano, porque es peligroso, ni que asista a las bambousses de la plaza del Congo, que son muy ordinarias. Nada de eso se lo cuento y él no me pregunta. Ayer mismo estuve bailando en la plaza con los tambores mágicos de Sanité Dédé. Bailar y bailar. De vez en cuando viene Erzuli, loa madre, loa del amor, y monta a Zarité. Entonces nos vamos juntas galopando a visitar a mis muertos en la isla bajo el mar. Así es.⁸²

Embora possa ser considerada uma exceção enquanto escravizada que conseguiu sua liberdade e que viveu longamente, Zarité também representa as milhões de africanas e suas descendentes que foram trazidas à força para a América e tiveram que enfrentar a pior tragédia da história da humanidade: o sistema escravista. Tété representa mulheres que eram separadas de sua terra e de suas famílias, que eram sistematicamente estupradas por seus senhores, que passavam fome e todo tipo de privação, que eram tratadas como bestas, afastadas de seus filhos e ainda sofriam castigos físicos horrendos.

Contudo, Allende traz todo esse suplício de uma maneira sutil e delicada, sempre enfatizando a força e a coragem da personagem, que seria capaz de qualquer coisa para proteger aqueles que amava. Fica claro, no entanto, que o fato de ser mulher impediu que Zarité pudesse tomar parte na revolução ou até mesmo conquistasse sua carta de alforria mais cedo. Sua bravura se mostrou de outras maneiras, como o episódio em que é surpreendida por uma massa de escravos revoltosos em Le Cap, enquanto tentava fugir com Valmorain e suas duas crianças. Enquanto seu amo afirma que as mulheres são todas covardes, mas entra em pânico e se urina de medo, Tété salva seus filhos e se arrisca em meio à turba sem titubear.

Momentos después Valmorain escuchó los primeros culatazos contra la puerta principal de su propia casa. El terror que lo paralizaba no le era desconocido, lo había sufrido, idéntico, cuando escapó de su plantación siguiendo a Gambo. No entendía cómo las cosas pudieron darse vuelta y la asonada bulliciosa de marineros ebrios y soldados blancos en las calles, que según Galbaud duraría sólo unas horas y terminaría en una victoria segura, se había trocado en esa pesadilla de negros embravecidos. Apretaba las armas con los dedos tan agarrotados, que no habría podido dispararlas. Lo ensopaba un sudor agrio cuy a fetidez podía reconocer: era el olor de la impotencia

⁸¹ ALLENDE, 2009, p. 500.

⁸² Idem, p. 511.

y el terror de los esclavos martirizados por Cambray. Sentía que su suerte estaba echada y, como los esclavos en su plantación, no tenía escapatoria. Luchó contra las náuseas y contra la tentación insoportable de acurrucarse en un rincón paralizado en abyecta cobardía. Un líquido caliente le mojó los pantalones. Tété estaba de pie en el centro de la habitación, con los niños ocultos entre sus faldas y sostenía una pistola a dos manos, con el cañón hacia arriba. Había perdido la esperanza de encontrarse con Gambo, porque si estaba en la ciudad, jamás la alcanzaría antes que la chusma. Solo no podía defender a Maurice y a Rosette. Al ver a Valmorain orinarse de miedo, comprendió que el sacrificio de haberse separado de Gambo había sido inútil, porque el amo era incapaz de protegerlos. Hubiera sido mejor irse con los rebeldes y correr el riesgo de llevar a los niños consigo. La visión de lo que estaba a punto de ocurrirles a sus niños le dio un valor ciego y la terrible calma de los que se disponen a morir. El puerto estaba sólo a un par de cuadras y aunque la distancia parecía insuperable en esas circunstancias, no había otra salvación. «Vamos a salir por atrás, por la puerta de los domésticos», anunció Tété con voz firme. La puerta principal retumbaba y se oía el estallido de los cristales de las ventanas en el primer piso, pero Valmorain creía que adentro estaban más seguros, tal vez podían esconderse en alguna parte. «Van a quemar la casa. Yo me voy con los niños», replicó ella, dándole la espalda. En ese instante Maurice asomó su carita sucia de lágrimas y mocos entre las faldas de Tété y corrió a abrazarse a las piernas de su padre. A Valmorain lo sacudió un corrientazo de amor por ese niño y tomó consciencia de su vergonzoso estado. No podía permitir que, si su hijo sobrevivía por milagro, lo recordara como un cobarde. Respiró a fondo tratando de contener el temblor del cuerpo, se encajó una pistola al cinto, gatilló la otra, cogió a Maurice de una mano y lo llevó casi en vilo tras Tété, quien y a descendía con Rosette en brazos por la angosta escalera de caracol, que unía el segundo piso con los cuartos de los esclavos en el sótano.⁸³

Outra mulher que se destaca por sua fibra no romance é a sacerdotisa Tante Rose. Ficou manca após um acidente com uma carroça e por isso se tornou enfermeira em Saint-Lazare. Conhece as plantas como ninguém e utiliza a natureza para curar e dar assistência os negros da propriedade. Sua autoridade era excepcional, sendo a única escrava que tinha livre acesso às matas fora da fazenda, onde vagava por vários dias à procura de suas ervas medicinais. Quando Tété lhe questiona porque não aproveitava esses momentos para fugir, Tante Rose responde que de nada adiantaria sua liberdade enquanto seus irmãos permanecessem escravizados. Como líder espiritual, a *mambo* é quem prevê os líderes da revolução de independência durante um ritual vodú. Além disso, a personagem é retratada como portadora de uma imensa bondade, e nunca nega ajuda a ninguém, mesmo aos brancos e a seus algozes.

Além de mulheres escravizadas, o livro apresenta Violette Boisier, filha de uma mestiça com um oficial branco francês, que ganhava a vida através da prostituição. Violette se considerava muito sortuda por ter nascido com a pele clara, pois assim poderia disfarçar sua herança africana e circular mais livremente entre a alta sociedade haitiana, que compunha seus clientes. Sua mãe também havia sido cortesã e ensinara o ofício para a jovem antes de ser morta pelo possível pai de Violette, que a atravessou com um sabre em um surto de ciúmes. Violette é sempre acompanhada por sua escrava Loula, fiel ama e protetora. Ao longo de todo o livro, a

⁸³ ALLENDE, 2009, p. 249-250.

personagem é apresentada como uma mulher extremamente independente e perspicaz, capaz de manipular os homens à sua vontade e de fazer seu caminho no complexo e intrincado jogo social da época. Enquanto cortesã, se tornou a melhor e mais procurada de Le Cap, atendendo as mais altas autoridades da elite haitiana. Além disso, dentro do romance é um símbolo de liberdade sexual feminina, algo extremamente raro para a época: “Madame Violette es la única mujer a quien le he oído esa palabra: placer. «¿Cómo vais a dárselo a un hombre si vosotras no lo conocéis?», les decía. Placer del amor, de amamantar a un niño, de bailar.”.⁸⁴

Contudo, sabia que seu emprego duraria apenas durante a sua juventude e, por isso, guardava suas economias em joias e ouro numa tábua do assoalho de sua casa. Após conhecer o capitão Étienne Relais e se apaixonar, deixa a vida de prostituição para casar e constituir família. Contudo, Violette nunca se tornou dependente ou submissa, e continuava fazendo negócios, vendendo produtos de beleza caseiros e dando aulas de etiqueta para manter-se. Mesmo jovem, sempre apresentava soluções muito criativas para seus problemas e sabia jogar com as brechas que apareciam. Foi ela quem comprou Teté para Valmorain e, mais tarde, junto com Relais, adotou seu primeiro filho, Jean-Martin. Também foi graças a seu negócio de *plaçage*⁸⁵ que Zarité pôde garantir um melhor futuro financeiro para sua filha Rosette.

Por fim, temos Adèle Parmentier, esposa ilegítima do médico de Saint-Lazare. Adèle também é mestiça e, por isso, não pôde se casar com o Doutor Parmentier, sendo obrigada a viver longe do marido, escondida em um bairro de *affranchis* juntamente com os três filhos. É por ela que o médico se torna mais tolerante com a cultura de origem africana e com a diversidade étnica da ilha. Parmentier, embora bastante passivo, acaba virando abolicionista e se utiliza de vários métodos africanos e técnicas do vodu para curar seus pacientes.

[Parmentier] Recordó a su Adèle con nostalgia. Ella también era un diamante en bruto. Le había dado tres hijos y muchos años de compañía tan discreta, que él nunca necesitó dar explicaciones en la mezquina sociedad donde ejercía su ciencia. Si se hubiera sabido que tenía una concubina e hijos de color, los blancos lo habrían repudiado, en cambio aceptaban con la mayor naturalidade los rumores de que era marica y por eso estaba soltero y desaparecía con frecuencia en los barrios de los *affranchis*, donde los chulos ofrecían chicos para todos los caprichos. Por amor a

⁸⁴ ALLENDE, 2009, p. 416.

⁸⁵ O termo vem do verbo francês *placer*, que significa “colocar”. O *plaçage* era uma prática bastante comum nas colônias escravagistas francesas e espanholas, mas teve origem e maior destaque em Louisiana. Consistia em uma espécie de casamento extralegal entre homens brancos e mulheres negras, escravizadas, mestiças e até mesmo ameríndias. Embora não fosse reconhecido judicialmente, o acordo garantia alguns direitos para as *placées*, como moradia mantida pelo homem, herança em caso de filhos e até mesmo alforria para as escravizadas. No romance, a prática é apresentada como a única saída viável para mulatas que quisessem ter uma vida minimamente confortável sem ter que recorrer a serviços pesados e sem correr o risco de serem tomadas como escravas.

Adèle y los niños no podía volver a Francia, por muy desesperado que estuviere en la isla.⁸⁶

Embora Adèle seja representada como dócil e resignada ao seu destino, também é uma mulher independente, que apoia seu companheiro e protege seus filhos diante de qualquer adversidade. Exímia costureira, mais tarde se torna sócia e amiga íntima de Violette Boisier, e as duas conseguem manter negócios bastante lucrativos na ausência de seus maridos, que se encontram envolvidos no levante de escravos.

Segundo Grondin⁸⁷, a mulher ocupa um lugar preponderante na sociedade e nos lares haitianos, e muito se deve à insurreição de independência e às guerras que a ela se seguiram, uma vez que, com a diminuição da presença masculina durante os conflitos, as mulheres se responsabilizavam pela produção agrícola e comercial mas, principalmente, pela manutenção da vida religiosa. O exemplo de Tante Rose ilustra muito bem este ponto: na falta de um *hougan*, um sacerdote em Saint-Lazare, a sacerdotisa assumiu papel central na comunicação e na organização comunitária dos negros, depois adquirindo papel de destaque entre os rebeldes.

⁸⁶ ALLENDE, 2009, p. 114.

⁸⁷ GRONDIN, 1985.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou abordar, na medida do possível, a representação feminina das mulheres haitianas contemporâneas ao processo de independência de seu país em um aclamado romance de Isabel Allende, *La Isla Bajo el Mar*. Inicialmente, observou-se a excepcionalidade da Revolução Haitiana em comparação às demais guerras de independência das Américas, levando em conta o contexto da colonização por parte da França e as influências políticas e ideológicas da Revolução Francesa. Vimos como um grupo de escravizados de origem africana se organizou em um levante que superou não apenas sua metrópole colonial, mas que também desafiou toda a lógica da sociedade moderna ocidental, questionando o racismo e o sistema escravista.

Dentro disso, foram abordados os recortes de gênero e de raça. Ao reclamar o status de revolução social para o Haiti, questionou-se se essa mudança se deu igualmente para as mulheres participantes do episódio. A revolução pode ter rechaçado inúmeras opressões que se davam no contexto da ilha, mas foi capaz de também rechaçar o machismo e a misoginia? Aqui, foi central o debate trazido por autoras como Angela Davis, que não apenas colocam o debate de história das mulheres, mas, principalmente, trazem a visão das mulheres negras e de como essas sofrem de maneira diferente dentro da sociedade. Além disso, autores caribenhos e francófonos, como Frantz Fanon, são essenciais para visualizar a negritude da América Central e do Caribe, com suas semelhanças e especificidades em relação ao restante da América Latina.

Por fim, a análise da obra de Isabel Allende nos trouxe diversos exemplos de mulheres à época do episódio que desafiaram as normas de gênero e se fizeram presentes nos mais diversos âmbitos, mesmo sem receber o devido crédito ou registro. Guardando as proporções entre história e literatura, o romance confirma a tese defendida por Maria Lígia Prado, segundo a qual as mulheres, sempre relegadas ao âmbito privado na história, acabavam tendo sua importância diminuída na narração de episódios políticos, econômicos e militares. Contudo, também é possível observar como as mulheres se faziam presentes nos espaços que lhes eram destinados.

Zarité Sedella, uma figura maternal que se sacrifica por todos aqueles que ama, sempre colocando a si mesma em segundo plano. Uma mulher resignada com seu destino, mas capaz de aguentar os piores sofrimentos. Durante todo o romance, mantém ironias sutis para com seu amo, Toulouse Valmorain, sempre obediente, mas guardando secretamente sua autoafirmação. Durante todo o livro, temos a sensação de que ela sabe de coisas que Valmorain nem sequer sonha e, em todas as situações em que correram perigo, era ela quem tomava à dianteira. Mesmo

que não tenha tomado parte no levante, principalmente porque precisava se dedicar a seus filhos, foi rebelde à sua maneira, vivendo até os quarenta anos, conquistando a sua liberdade e conhecendo o amor no braço de dois homens negros que valorizavam a honra acima de tudo.

Tante Rose, anciã e sacerdotisa sábia, guia não apenas Teté como todos os negros de Saint Lazare, física e espiritualmente. Exímia parteira, também tinha habilidade de matar os recém-nascidos sem dor, se as mães assim quisessem, para que esses não precisassem conhecer a dor da escravidão. Era imune a qualquer doença por um trato com seus *loas* e podia matar qualquer um com veneno. Contudo, acreditava que nunca se devia matar sem uma boa razão. A única razão boa o suficiente seria a libertação, não apenas sua libertação, mas de todos os seus irmãos e irmãs vindos da Guiné. Por isso, tomou parte no levante de escravos, atuando como *mambo* e profetisa dos escravizados insurreccionados.

Finalmente, as duas mestiças, Adèle e Violette, que se encontravam em uma situação mais intermediária e até mesmo indefinida dentro da sociedade haitiana. Violette possuía charme e criatividade, enquanto Adèle era talentosa e muito inteligente. Ambas atuavam nas áreas cinza que se formavam entre as rígidas normas sociais das colônias escravistas. Ambas tinham grande independência mesmo sendo casadas e relegadas ao cuidado da casa e dos filhos. As duas encontraram meios alternativos de renda devido ao afastamento de seus companheiros (Relais era capitão de um pelotão de *affranchis* durante a revolução e Parmentier atuava como médico).

Dessa maneira, podemos observar como, mesmo que a historiografia não nos conte sobre o papel exercido pelas mulheres em seus episódios, havia uma margem de manobra na qual essas poderiam agir. Aqui, as mulheres foram triplamente transgressoras: desafiaram a metrópole francesa, o sistema colonial racista e a sociedade machista que acreditava que mulheres não fazem revoluções.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Carlos. Silencios y ecos: La historia y el legado de la abolición de la esclavitud en Haití y Perú. In: **Seminario internacional sobre la abolición de la esclavitud y sus procesos de manumisión en el Perú, América y el Caribe**. Centro de Desarrollo Etnico, CEDET, Lima Ago 2004.

ALLENDE, Isabel. **La Isla Bajo el Mar**. Debolsillo: Barcelona, 2009.

ANSALDI, Waldo; GORDANO, Veronica. Algunas claves para definir las coordenadas de espacio, tiempo y realidad social. In: **América Latina. La construcción del orden. De la colônia a la disolución de la dominación oligárquica**. Buenos Aires, Ariel, 2012, p. 59-93.

_____. La disolución del orden colonial y la construcción del primer orden independiente. In: **América. La construcción del orden. De la colônia a la disolución de la dominación oligárquica**. Buenos Aires, Ariel, 2012, p. 159-195.

BERND, Zilá. Literatura e identidade cultural. In: WESCHENFELDER, Eládio Vilmar; RÖSING, Tania m. Kuchenbecker; GRAEFF, Telisa Furlanetto (orgs.). **Da prensa ao ebook**. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 293-99.

_____. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARPENTIER, Alejo. Consciencia e identidade de América. La Habana: La Jiribilla. **Revista de la Cultura Cubana**, ano X, 14 a 20 de maio de 2011.

_____. **El reino de este mundo**. Madri: Alianza Editorial, 2006 (terceira reimpressão).

_____. **Los Pasos Recobrados Ensayos de teoría e crítica literaria**. Caracas: Ed. Biblioteca Ayacucho, 2003.

CESAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

CHIAMPI, Irlomar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

COLLINS Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Nova York e Londres: Routledge, 2002.

Constitución Imperial D'Haiti (1805). **El pensamiento constitucional hispanoamericano hasta 1830**, Caracas, Academia Nacional de la Historia. 1961, v. 42, t. III, p. 159-170.

COSTA, Cláudia de Lima. **O sujeito no feminismo**: revisitando os debates. Cadernos Pagu, 19, 2002, p. 59-90

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

DAVIS, Angela Yvone. **Women, race & class**. New York : Vintage Books, 1983.

DEPESTRE, René. **Buenos Días y Adiós a la Negritud**. Ciudad de la Habana: Ed. Casa de las Américas, 1985.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GLISSANT, Edouard. La poétique de la relation. In: **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.

GONÇALVES, Ana Beatriz R. Estudos afro-hispano-americanos: uma problemática. In: **V Congresso Brasileiro de Hispanistas**, 2008, UFMG (Belo Horizonte) Anais. P. 179-185.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti**: cultura, poder e desenvolvimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GUAZZELLI, Cesar A. B. **América Latina**: a busca de uma identidade. Vidya. Santa Maria: Faculdades Franciscanas, v. 27. Jan 1997, p. 7-26.

GUERRA VILLABOY, Sergio. Inicios del ciclo revolucionario latinoamericano. In: **El dilema de la independencia**. La Habana, Editorial Félix Varela, 2003.

HALPERING DONGHI, Tulio. **História da América**. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, nº 5, 1995, p. 07-41.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. Traducción de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOOKS, Bell. **Ain't I a woman - Black Women and Feminism**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussant L'ouverture e a Revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

MAFFEI, Henrique Safady. **Ninguém sabe onde fica o Haiti**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da independência. In: TRANSPADINI, R; STÈDILE, J. P. (org). **Ruy Mauro Marini**. Vida e obra. São Paulo, Expressão Popular, 2005.

MARTÍNEZ PERIA, Juan Francisco. La Revolución haitiana y su ideario político: la universalización de la libertad y la igualdad. In: SÁNCHEZ CUERVO, Antolin, VELASCO GOMÉZ, Ambrosio (org.). **Filosofía política de las independencias**. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. Psicologia em Estudo: Maringá, v. 11, n. 3, setembro/dezembro de 2006.

NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista. **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**. v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 469-488.

O'GORMAN, Edmundo. **La invención de América**. Investigación acerca de la estructura histórica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1958.

OVIEDO, José Miguel. **Historia de la Literatura Hispanoamericana**. Madrid: Tomo Editorial v2.-v.3/Alianza Editorial. 2001.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra, afetividade e solidão**. Salvador: Edufba, 2013.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 18, agosto/setembro 1989.

PIERRE, Guy. En torno del nombre de uma nación: Haití. In: CHIARAMONTE, J. C.; MARICHAL, C.; GRANADOS, A. (org.). **Crear la nación**. Los nombres de los países de América Latina. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2008.

PIMENTEL, Marília Lima; COTINGUIBA, Geraldo Castro; RIBEIRO, Ailton Artur da Silva. **O crioulo haitiano e o seu reconhecimento político**. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./jun. 2016.

PIZARRO, Ana. **América latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Tomo Editorial v.1-v.3/Editora da UNICAMP, 1993-1995.

PINSKY, Carla. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): janeiro-abril/2009, p. 159-189.

PRADO, Maria Lígia. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo, Edusp, 1999.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 1985 (tomo 3).

ROSA, Renata de Melo. **A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais**. Universitas: Relações Internacionais, Brasília, v. 4, n. 2, 2007.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. In: **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press, 1989.

_____. The Conundrum of Equality. **Occasional Papers from the Institute for Advanced Study**, School of Social Science, Princeton, 1999.

SILVA, Liliam Ramos. **El negro toma la palabra y (re)cuenta la historia: la conformación de la identidad negra en novelas históricas hispanoamericanas hispanista** – Vol XV - nº 56 – Enero – Febrero – Marzo de 2014.

SOARES, Ana Loryn; SILVA, Elton Batista da. **A Revolução do Haiti**: um estudo de caso (1791-1804). *Ameríndia*, ano 1/vol. 1, 2006.

SPIVAK, G. Puede hablar el subalterno? **Revista Colombiana de Antropología**, v. 39, jan.-dez. 2003, p. 297-364.

WASHINGTON, Sylvia. **The Concept of Negritude in the Poetry of Leopold Sedar Senghor**. Princeton University Press, 2018.